

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

NOÊMIA DA SILVA VELOSO PAIM

O MOVIMENTO DE JESUS E A DOUTRINA DOS APÓSTOLOS

São Leopoldo
2015

NOÊMIA DA SILVA VELOSO PAIM

O MOVIMENTO DE JESUS E A DOCTRINA DOS APÓSTOLOS

Trabalho Final de Mestrado profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da Bíblia

Orientador: Verner Hoefelmann

São Leopoldo

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P143m Paim, Noêmia da Silva Veloso
O movimento de Jesus e a doutrina dos apóstolos /
Noêmia da Silva Veloso Paim ; orientador Verner
Hoefelmann. – São Leopoldo : EST/PPG, 2015.
83 p. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Faculdades EST. Programa de
Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2015.

1. Profetas – Ensino bíblico. 2. Cristianismo – Origem. 3.
Bíblia Atos – Crítica, interpretação, etc. 4. Judeus – História
– 168 A.C. – 135 D.C.. 5. Jesus Cristo – Pessoa e missão. 6.
História eclesiástica – Igreja primitiva, ca. 30-600. I.
Hoefelmann, Verner. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

AGRADECIMENTOS

Ao Deus Altíssimo, minha vida e inspiração. A Ele toda a honra, a glória e o louvor por haver me proporcionado o privilégio de estudar Sua palavra e aprender um pouco mais dos tesouros ocultos que assim permanecem até que tomemos tempo e coragem para nos aprofundarmos um pouco mais no conhecimento dos recônditos divinos, nem sempre perceptíveis aos olhos naturais. Se existe saber, se existe conhecimento, foi o Senhor quem bondosamente descortinou diante de nós uma réstia do seu bom tesouro.

À minha amada família: meu marido, que sempre esteve ao lado apoiando, dando o suporte, tolerando as distâncias e minimizando-as através de inúmeros telefonemas para perguntar de mim, do meu dia, dos meus estudos, e até para averiguar se eu estava me alimentando bem. Um cuidado que o Pai Celeste colocou em seu coração por mim; e minhas filhas, que tiveram a tarefa de estar mais tempo com o pai, de arranjar atividades em família com ele, meu ermitão amado. Obrigada pelo amor e pela paciência que demonstrou nos momentos mais difíceis.

À Igreja Batista Central de Brasília, na pessoa de seu Presidente, Pr. Ricardo Lima Espindola, não apenas pela contribuição financeira, tão importante, mas, sobretudo, pelo apoio incondicional demonstrado ao meu desejo de me aprofundar nos estudos teológicos.

Aos meus amados professores da Faculdades EST. Cada um participou de maneira intensa e exclusiva no meu aprendizado, e me sentiria devedora acaso excluísse o nome de algum, mas fica o meu registro de apreço a todos na pessoa dos professores Verner Hoefelmann e Flávio Schmitt. Obrigada por abrirem o coração e a mente e compartilharem um pouco do tanto que possuem. A todos a minha admiração e deferência.

RESUMO

Esta pesquisa busca identificar se a doutrina dos apóstolos mencionada em At 2.47 reflete os ensinamentos obtidos pelos apóstolos a partir do Movimento de Jesus, à luz do contexto canônico e extracanônico dos períodos do Antigo Testamento, Intertestamentário e do Novo Testamento, e se esses ensinamentos refletiram o processo formativo dos ensinamentos legados por Jesus no decorrer do período de três anos e meio de vida terrena do Mestre, resultando no Cristianismo. A primeira parte revela como Deus se comunica com seu povo. Para isso, entra em cena a figura do profeta, que vai discursar em favor de uma reaproximação do povo com o Deus da aliança. A promessa dada é no sentido de restaurar a comunhão desde que sejam abandonadas as práticas culturais das nações vizinhas a Israel. A trilogia castigo-arrependimento-perdão é anunciada como condição de restauração da nação assolada por invasores. A segunda parte mostra como, ao serem removidos da terra, os israelitas passaram a ansiar pela restauração do reino de Israel e como o retorno do exílio é marcado pela esperança de um recomeço, no qual as promessas anunciadas pelos profetas se cumpririam e como o Senhor dos Exércitos novamente pelejaria por seu povo, tendo à frente um Libertador nos moldes de Moisés. Mostra como o Messias é aguardado com ansiedade e como o jugo romano acirra os ânimos nacionalistas. É o contexto em que surge na Palestina a figura de Jesus, em meio a um caldo cultural e a diversos segmentos religiosos que tinham uma interpretação própria das Escrituras judaicas. O Movimento de Jesus nasce na Galileia e, após a morte de seu líder, seus seguidores recebem a incumbência de prosseguir a mobilização em prol da implantação do Reino de Deus, e não se dirige mais apenas aos nacionais de Israel, mas a todos os povos e a todas as nações. A terceira e última parte revela como os seguidores de Jesus levaram adiante suas propostas: como se estabeleceram, como se organizaram e como disseminaram o legado de Jesus. Revela também os personagens que se destacaram após a ascensão de Jesus, e o papel de cada um na propagação do evangelho e na consolidação do Cristianismo, estrutura que se seguiu ao Movimento de Jesus.

Palavras-chave: Método-Histórico. Profetas. Movimento de Jesus. Cristianismo. Atos dos Apóstolos.

ABSTRACT

This research seeks to identify if the doctrine of the apostles mentioned in Acts 2:47 reflects the teachings received by the apostles from the Jesus Movement, in the light of the canonical and extra canonical context of the Old Testament, Intertestamental and New Testament periods, and if these teachings reflected the formative process of the teachings left by Jesus during the three and a half year period of terrestrial life of the Master, resulting in Christianity. The first part reveals how God communicates with his people. For this, the figure of the prophet comes into play, which will discourse in favor of a re-approximation of the people with the God of the covenant. The promise given is in the sense of restoring the communion if the worship practices of Israel's neighboring nations are abandoned. The trilogy punishment-repentance-forgiveness is announced as a condition for the restoration of the nation assailed by invaders. The second part shows how, upon their being uprooted from the land, the Israelites come to yearn for the restoration of the kingdom of Israel and how the return from the exile is marked by the hope for a new beginning, in which the promises announced by the prophets would be fulfilled and how the Lord of Hosts would once again fight for his people, having at the fore a Liberator in the patterns of Moses. It shows how the Messiah is anxiously awaited and how the Roman yoke exacerbates the nationalist tempers. It is in this context that the figure of Jesus emerges in Palestine in the midst of a cultural mix and various religious segments which had their own interpretation of the Jewish Scriptures. The Jesus Movement is birthed in Galilee and after the death of its leader, its followers receive the task of continuing the mobilization in favor of the implantation of the Kingdom of God, and it is no longer directed only toward the nationals of Israel but to all peoples and all nations. The third and last part reveals how the followers of Jesus carried on his proposals: how they established themselves, how they organized themselves and how they propagated the legacy of Jesus. It also reveals the characters which stood out after the ascension of Jesus and the role of each one in the propagation of the Gospel and in the consolidation of Christianity, the structure that followed the Jesus Movement.

Keywords: Historical Method. Prophets. Jesus Movement. Christianity. Acts of the Apostles.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 MESSIANISMO E RESSURREIÇÃO NO CONTEXTO PROFÉTICO DO ANTIGO TESTAMENTO	13
1.1 O Profetismo.....	13
1.2 Os Profetas	14
1.2.1 Amós.....	14
1.2.2 Oseias.....	16
1.2.3 Isaías	16
1.2.4 Miqueias	21
1.2.5 Jeremias	22
1.2.6 Daniel.....	23
2 ENTRE OS TESTAMENTOS: O MOVIMENTO DE JESUS.....	27
2.1 Escribas	32
2.2 Fariseus	33
2.3 Saduceus	35
2.4 Samaritanos.....	36
2.5 Essênios	37
2.6 O judaísmo Galileu e o movimento de Jesus	40
3 A DOCTRINA DOS APÓSTOLOS: CONTINUAÇÃO DOS ENSINOS DO MOVIMENTO DE JESUS.....	51
3.1 O livro de Atos.....	52
3.2 A comunidade em Jerusalém.....	60
3.3 A conversão dos primeiros gentios	62
3.4 A atuação dos discípulos no movimento de Jesus após a ascensão.....	62
3.4.1 Barnabé	63
3.4.2 Paulo.....	67
3.5 A doutrina	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	79

INTRODUÇÃO

Ao adentrarmos o Novo Testamento (NT), nos deparamos com um ambiente totalmente diverso daquele encontrado no Antigo Testamento (AT). Deixamos Esdras e o tempo profético para trás, mas não há uma continuidade que relate o que ocorreu com o povo após o retorno à terra e após se calar a última voz profética. Nos livros não canônicos é possível acompanhar um pouco a saga dos israelitas. É possível identificar também os anseios sociais do povo que esperava a restauração de Israel.

O Movimento de Jesus aconteceu numa época turbulenta, em meio a vários outros movimentos, que retratavam o contexto social e político da Galileia e da Judeia. Veremos como esse Movimento de Jesus, à luz do contexto canônico e extracanônico dos períodos do AT, Intertestamentário e do NT influenciou na formação do Cristianismo, e se a “doutrina dos apóstolos”, mencionada em Atos 2.42¹, refletiu o processo formativo do aprendizado adquirido pelos discípulos de Jesus no decorrer do período de três anos e meio de vida terrena do Mestre.

Mereceu especial consideração, para a proposta do trabalho, o fato de as doutrinas cristãs², pelo menos nas igrejas ocidentais, estarem muito pautados nos escritos paulinos, até com razão, pois é de Paulo a maioria dos escritos do Novo Testamento.. Entretanto, antes dos escritos paulinos existirem ou alcançarem uma maior abrangência, a comunidade primitiva serviu-se da orientação dos ensinamentos de Jesus, das Escrituras judaicas e da literatura produzida no período intertestamentário, inclusive as formas não escritas, como a tradição oral, e que, após a ascensão de Jesus, serviram de leme ao novo movimento nascido entre os judeus.³

Os temas como: conversão de pecados, novo nascimento, batismo para arrependimento, ressurreição, “casa do meu Pai”, que norteiam a fé cristã, estavam

¹ Salvo quando feita outra referência, todas as menções aos textos bíblicos, bem como suas citações em português são extraídas da BÍBLIA Sagrada Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

² Doutrina cristã, nesse trabalho, refere-se ao conjunto das crenças em vigor nos tempos modernos, obtidas através dos ensinamentos extraídos dos livros do NT e tido como verdadeiros pelos seguidores do cristianismo da vertente protestante-evangélica, pautados, em sua maioria, na visão paulina.

³ Mereceu atenção a possibilidade de a expressão “doutrina dos apóstolos” em Atos já refletir os ensinamentos paulinos, pois foi escrita por Lucas, companheiro de Paulo em alguns períodos, décadas depois dos acontecimentos narrados. Entretanto, quando não se pode precisar a época, ou não havendo indícios razoáveis de interferência posterior na compreensão do texto, é de bom tom interpretá-los como estão escritos.

presentes nos discursos, ou mais, foram introduzidos por Jesus. Só mais tardiamente é que o apóstolo Paulo passa a participar desse contexto, muitas vezes pontualmente em alguma comunidade e desenvolve seus ensinamentos praticamente entre os gentios. Até então, os que creram em Jesus eram conhecidos como participantes de um movimento surgido dentro do Judaísmo, a seita do Nazareno, ou “os do Caminho”. Não havia nada que indicasse o surgimento de um movimento religioso que fosse autônomo em relação ao Judaísmo.

Como a proposta de Jesus foi congregar todos a ele, há como uma bússola que orienta o rumo ao porto, sem, contudo, interferir nas diversas rotas. Tornou-se necessário, portanto, encontrar o elo entre os dois mundos, o do AT e o do NT, que muitas vezes aparentam estar divorciados. Para isso, foram investigados desde os profetas do mundo bíblico até os essênios, a comunidade de Qumran e os movimentos religiosos anteriores ou contemporâneos à era cristã, inclusive a apocalíptica judaica, para entender a razão da esperança que se observa na comunidade primitiva.

Por tais motivos, os escritos paulinos não foram a fonte principal da pesquisa, mesmo que se lhes faça eventual referência, até porque um dos objetivos do trabalho é demonstrar que a ressurreição era um dos principais motes do querigma primevo, através do qual o Reino de Deus seria finalmente implantado, e o apóstolo Paulo, como fariseu, certamente já possuía convicção formada a esse respeito antes mesmo de seu encontro com Cristo, não servindo como fonte para determinar a origem dessa doutrina no sistema religioso judaico, quer do Templo, quer dos movimentos paralelos.

Por outro lado, a comunidade neonata que se pretende investigar era formada por judeus que receberam o anúncio de Jesus como cumprimento das Escrituras e a realização de sua esperança, e Paulo teve um papel maior nas comunidades gentílicas. É por intermédio dele, mas não precipuamente por ele, que é levada aos não judeus a notícia de algo que era a esperança dos judeus, e só deles: “São israelitas. Pertence-lhes a adoção e também a glória, as alianças, a legislação, o culto e as promessas; deles são os patriarcas, e também deles descende o Cristo, segundo a carne [...]” (Rm 9:4).

Já a comunidade em Jerusalém tinha um dilema diferente dos convertidos entre os gentios, qual seja, o de reconhecer em Jesus o Messias prometido, e a partir de quando é aguardada a vinda desse Enviado, já que o AT não se ocupou em

revelar detalhes. A esperança judaica revelada na antiga aliança encontra eco na vinda de um Libertador para a nação de Israel e na restauração do trono de Davi, e não na implantação de um reino espiritual no qual a terra prometida a Abraão não seria o alvo.

Mas a proclamação de Jesus traz essa proposta: uma restauração de pessoas com vistas não só a uma vida terrena transitória, mas também a uma vida eterna – não apenas no âmbito de Israel, como antes, mas no plano individual a toda criatura; não uma nação, mas o indivíduo, independentemente de sua nacionalidade: “Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora” (Jo 6.37).

Deparamos no primeiro século com a esperança da chegada do Messias que restauraria Israel e que o levaria à posição de coroa de Deus entre as nações, como antes, mas o movimento de Jesus não se insurgiu diretamente contra o opressor, e ainda por cima, ensinava que deveria ser pago o imposto ao império que os subjugava. Demonstrou-se um opositor dos líderes religiosos de Israel, mas não ofereceu uma opção à altura. A mensagem que ele anunciava diferia da esperança israelita: Primeiro, ele proclamava outra pátria (Jo 18.36), enquanto Israel aguardava o resgate da nação.

Sua pregação falava de morte e ressurreição, e isso não se parecia com as promessas proféticas de restauração a Israel. Ressurreição não retratava exatamente os anseios nacionalistas, embora o assunto já fizesse parte do cotidiano da comunidade na época de Jesus.

Mas, quando essa crença passou a fazer parte da esperança judaica, já que ressurreição/Reino de Deus é o binômio que compõe o discurso de Jesus, e o Antigo Testamento trata apenas de relance do primeiro, e o segundo, no discurso de Jesus, traz uma proposta até então impensável, qual seja, o ser humano ser chamado filho de Deus, se o mais alto dignitário seria honrado com o título de filho de Abraão ou filho de Davi?

Para começar, chama a atenção os personagens dos primeiros capítulos do livro de Atos, pois demonstram um entusiasmo incomum. Eles exalam uma convicção inabalável num novo modo de viver e demonstram não se importar com a opinião dos demais em relação à sua fé. É como se durante toda sua vida estivessem aguardando exatamente o que então experimentam, e que guarda muita semelhança ao que foi ensinado nas parábolas por Jesus: é como um homem que

encontra um tesouro oculto (Mt 13.44) e vende tudo o que tem para adquirir aquele campo; como o negociante, que conhece o valor de uma pérola (Mt 13.45,46), e, tendo achado uma de grande valor, vende tudo o que tem e a compra. Em comum nas parábolas é o personagem se desfaz de tudo o que tem para adquirir um bem superior.

A novidade trazida por Jesus, aparentemente, não correspondeu às expectativas dos líderes judeus, que conservavam a esperança da libertação de Israel do jugo inimigo, entoada nos cantos dos salmistas e dos profetas, como ocorre até os dias de hoje. Nem mesmo o apóstolo Paulo, cioso da herança israelita (Rm 9.4), defende essa restauração da glória do reino judaico dos tempos davídicos; ao contrário, ele parece se desprender da terra da promessa: “Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens” (1 Co. 15.19).

Chama a atenção também o fato de que, para a comunidade primitiva, o advento de Cristo é o cumprimento das profecias, e ele é o Messias aguardado. Todavia, para a maioria do povo judaico, sobretudo seus líderes, não parece haver uma correspondência estrita entre as palavras de Jesus e o contexto profético do AT, a despeito das referências bíblicas que o próprio Jesus cita a seu respeito, como, por exemplo, a passagem de Isaías 61.1: “*O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos*” (Lc 4.18).

De fato, o ambiente veterotestamentário vivido nos dias de Esdras evoca a vinda do restaurador da nação de Israel. Ocorre que não é possível transitar de Esdras (e as prédicas proféticas de todo o período) diretamente para o NT porque os discursos diferem entre si. É necessário buscar o elo que os reúne numa intenção de propósitos comuns.

As antigas religiões palestinas podem ajudar a esclarecer a época aproximada a partir da qual surgiu a ideia de vida após a morte, de vez que o assunto não é encampado totalmente pelo AT. A busca se estende aos escritos apócrifos, principalmente aos do período macabeu, para compreender como se consolidou a ideia judaica sobre a ressurreição, defendida pelos fariseus, e o tipo de vida após a morte, ensinada por Jesus. Mas não apenas isso. Quando o NT menciona o novo nascimento, por exemplo, ele menciona um nascimento não físico,

mas espiritual. Em que momento pensou-se que era necessário algo mais do que a intenção humana para adorar a Deus? É Jesus quem suscita essa questão: "... se alguém não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus" (Jo 3.3).

Seguindo uma linha de raciocínio coerente com as informações anteriores, parece que a ressurreição está relacionada ao novo nascimento, e que somente quem nascer de novo será ressuscitado, porque é com a ressurreição que o ser humano entra no reino de Deus: "E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também." (Jo 14.3). Ou seja, é o Jesus ressuscitado que voltará e receberá seus discípulos. Não há lugar para não ressuscitados no lugar que ele foi preparar.

Esses convertidos a Jesus também recebem uma filiação que não vem do pai de toda a humanidade, Adão. O que creem são chamados filhos de Deus (Jo 1.12). Mas há que se perquirir também se esse ensino de Jesus foi inédito, ou compartilhado de alguma forma em outras culturas e épocas; se há parâmetro nas culturas circunvizinhas para esse pensamento. E mais: o batismo, a refeição comunal, o modo frugal de viver são heranças essenciais ou são frutos do movimento de Jesus? Com certeza, a pista para alguns ensinamentos de Jesus está no material escrito entre os testamentos.

Para tanto, será analisada, primeiramente, a origem da esperança israelita que muitos se dispuseram a crer que havia se concretizado naquele Galileu. Quais os personagens do AT, se assim ocorreu, discorreram sobre os temas suscitados por Jesus e defendidos pelos apóstolos. As expressões utilizadas em Daniel, Isaías e Jó que parecem mencionar a ressurreição tem o mesmo sentido no NT? O "Servo Sofredor" é figura de Jesus?

Depois, o texto se ocupará com a pessoa de Jesus dentro do seu contexto: seus ensinamentos e pregações na Galileia e na Judeia, os milagres realizados, o "reino de meu Pai" (Mt 26.29), o "reino de Deus" (Mc 1.15, Lc 6.20), como parte da fala de Jesus. O que era o Movimento de Jesus? Quais seus adeptos? Qual era sua proposta? Quais os encargos deixados aos seus seguidores?

Por fim, será analisado se após a ascensão de Jesus seus discípulos deram continuidade a seu trabalho, se se mantiveram fieis à proposta do Mestre, e quais os desdobramentos do Movimento de Jesus após sua ascensão. Quais foram os personagens que mais se destacaram no movimento que veio a ser conhecido como Cristianismo, e como se chegou a esse resultado?

Proceder-se-á a uma pesquisa no mundo do Antigo Testamento, não apenas entre os israelitas, mas também ocorrerá uma ligeira visita às religiões pagãs, depois aos movimentos religiosos do período intertestamentário, e, finalmente, o encontro com o norte doutrinário deixado por Jesus à primeira comunidade.

1 MESSIANISMO E RESSURREIÇÃO NO CONTEXTO PROFÉTICO DO ANTIGO TESTAMENTO

Esse capítulo dedica-se a apurar se houve contribuição dos profetas do AT no que se refere ao surgimento do Messias identificado com Jesus no Cristianismo, e vislumbrar algum sinal que indique a morte e ressurreição do Enviado. Debate-se, também, a questão da apropriação do AT por Jesus e pelos discípulos. Não raras vezes, confrontando-se as citações no Novo Testamento sobre o AT, mesmo no texto da Septuaginta, não parece existir uma correspondência de sentidos. Aliás, em algumas referências, o texto referido no AT sequer demonstra uma correlação com a analogia aplicada nos escritos neotestamentários.

Faz-se necessário, portanto, debater se o texto é messiânico ou foi assim interpretado pelos escritores do NT. Como este capítulo dedica-se a examinar os escritos antigos que tenham mencionado o Messias, sua morte e ressurreição, para saber quem e quando se proclamou a ressurreição como elemento chave da doutrina cristã, qualquer interpretação dissociada do texto judaico merece consideração.

1.1 O Profetismo

No estudo em questão, somente serão apreciadas as falas dos principais profetas a quem são atribuídos os vaticínios sobre o Enviado. Analisaremos também o contexto geral em que foram proferidas as mensagens por aproximação cronológica, para identificar algum vínculo entre o tempo decorrido desde o anúncio profético até o advento do Messias, especificamente os anúncios dos profetas Amós, Oseias, Isaías, e Miqueias, que profetizaram no século VIII, por volta dos anos 760 a.C. a 620 a.C.

Não adentraremos no mérito sobre a figura do profeta (nabî) e seu ofício no AT, porque teríamos que discorrer sobre o sentido e uma função que varia ao longo da história e em diversos contextos, e ainda distinguir entre vidente, visionário e profeta, figuras sobre as quais Lacy⁴ e Sicre⁵ discorrem com propriedade, e suas

⁴ LACY, J. M. Abrego de. *Introdução ao Estudo da Bíblia. Os Livros Proféticos*. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2006.

várias facetas no passar do tempo, desde Abraão até Ageu e Zacarias, nos tempos de Zorobabel (Ed 5.1).

Nesse trabalho, portanto, falaremos do profeta e sua proclamação no contexto do século VIII⁶, a partir do rei Uzias até a volta do cativo. Nesse período, embora encontremos autores⁷ que entendem que os profetas só pretendiam justificar o castigo iminente de Deus, em razão das injustiças sociais, e que não esperavam pretendiam nenhuma mudança; outros para quem os profetas, mesmo os pré-exílicos, quase nunca anteciparam o futuro distante, mesmo os pré-exílicos⁸, a nós interessa apresentar o profeta que denuncia o abandono ao culto de Yahveh e o julgamento divino, e indica sua restauração final. Nesse grupo de profetas se encontram Jeremias, Oseias, Amós e Sofonias.

A tarefa do profeta não era apenas a de apregoar o culto puro a Yahweh contra as contaminações das religiões cananeias; era também a de defender a ordem social, visando à prática da justiça (Is 56.1) e à defesa dos oprimidos e dos menos favorecidos socialmente, como os órfãos, as viúvas e os estrangeiros. Dentro desse discurso é comum o aceno a um novo tempo, no qual a vinda de um líder era a garantia de implantação da lei divina na terra, o restabelecimento da glória de Israel e a paz definitiva quanto aos inimigos do povo de Deus.

Os profetas que se referiram mais diretamente ao um enviado especial de Deus ou ao tempo do fim foram, basicamente, Isaías, Daniel e Malaquias.

1.2 Os profetas

1.2.1 Amós (cerca de 760 a.C.)

Amós profetizou nos reinados de Uzias e Jeroboão II, e foi contemporâneo, por algum tempo, de Isaías, que profetizou desde o início do reinado do rei Uzias.

Não obstante ser de Judá (Tecoá), ele exerceu o seu ofício em Israel, mais precisamente no reinado de Jeroboão II. Foi uma das eras mais áureas de Israel, só comparada aos tempos de Salomão. Israel havia sido duramente castigada pelos

⁵ SICRE, José Luís. *Profetismo em Israel*. O profeta. Os profetas. A mensagem. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

⁶ LACY, 2006, p. 49.

⁷ SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1994. p. 375.

⁸ FOHRER, Georg. *História da Religião de Israel*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2008. p. 350.

sírios no tempo de Jeoacaz (2 Rs 13.3) e Jeoás (2 Rs 13.22), conforme predito pelo profeta Eliseu.

Apesar de ser um tempo próspero, a desigualdade social cresceu absurdamente e a idolatria imperava. Segundo Sicre⁹, a decomposição social andava de mãos dadas com a corrupção religiosa. Havia muitos santuários pagãos e a maioria deles desempenhava a função de apaziguar a divindade com ritos e sacrifícios. Amós denunciou principalmente o pecado sexual (2.7), a perversão do culto (3.11), a opressão dos pobres (8.4-6) e a iminência do cativo assírio (7.17). Uma possível referência ao Messias se encontra em 9.11-12 a partir da visão neotestamentária de Atos 15.16-18: “Para que os demais homens busquem ao Senhor, e também todos os gentios sobre os quais tem sido invocado o meu nome”.

O texto de confronto no NT (At 15.16-17) difere em parte do proferido por Amós (9.12), consideradas as traduções obtidas nas versões pesquisadas (Almeida RA, Hebraica, Septuaginta, Schökel, BKJ, Bíblia de Jerusalém). Em algumas versões, o texto descreve que o tabernáculo de Davi será reerguido para que Israel conquiste o resto de Edom e de todas as nações. Nelas, o texto não estaria apontando para o dia em que Israel seria restaurado pelo Messias, mas sim, para uma conquista de terras e territórios.

Confira-se Amós 9.11-12, na RA de Almeida:

11 Naquele dia, levantarei o tabernáculo caído de Davi, repararei as suas brechas; e, levantando-o das suas ruínas, restaurá-lo-ei como fora nos dias da antiguidade;

12 para que possuam o restante de Edom e todas as nações que são chamadas pelo meu nome, diz o SENHOR, que faz estas coisas.

Em outras versões, os versículos não fazem referência à conquista do povo de Israel, e, sim, diretamente à conquista de Deus, pois o tabernáculo de Davi será reerguido para que “... *o restante dos homens, e todos os gentios sobre os quais o meu nome é invocado, possam com sinceridade me buscar, diz o Senhor, que faz todas estas coisas*”.

Comparem-se as seguintes traduções:

⁹ SICRE, José Luís. *Profetismo em Israel. O profeta. Os profetas. A mensagem*. 3ª ed. Petrópolis. Ed. Vozes, 2008. p. 247.

[...] that the remnant of **men**, and all the Gentiles upon whom my name is called, may earnestly seek *me*, saith the Lord who does all these things.¹⁰
(LXE/LXX) (grifo nosso)

[...] para que o restante da humanidade possa buscar o Senhor, isto é, todos os **goyim** que foram chamados pelo meu nome. (Bíblia Judaica Completa) (grifo nosso)

Nessas versões, o texto aponta não mais para o Deus nacional, e, sim, para o universal. Nesse caso, o escritor da epístola de Tiago estaria de posse de alguma dessas traduções por ocasião da controvérsia sobre a circuncisão dos gentios, porque ele afirma: “Para que os demais homens busquem o Senhor, e também todos os gentios sobre os quais tem sido invocado o meu nome” (At 15 17). Para o apóstolo, o texto refere-se ao momento em que todas as nações invocariam o nome do Senhor.

O profeta Amós, portanto, vislumbra o resultado final da aproximação de Deus com todas as nações, sem fazer qualquer menção ao Messias ou à sua obra redentora.

1.2.2 Oseias

Embora as datações situem o profeta em cerca de 750-725 a.C, ele convive no período de Isaías, ou seja, nos reinados de Uzias a Ezequias. O que importa na datação é definir o contexto histórico de Israel e de Judá, e ele parece ter sido mais longo que costumeiramente datado. O livro não traz informações sobre Oseias, mas presume-se que ele tenha nascido em Israel, e ali exercido sua vocação. Foi ele o primeiro a prever com riqueza de detalhes o cativeiro assírio (Os 3.4-5). Deus é apresentado pessoalmente como o restaurador da nação. Embora o profeta aponte para um futuro glorioso para Israel, não parece fazer alusão ao Messias como agente desse tempo notável.

1.2.3 Isaías

Isaías ocupa um espaço maior entre os profetas tidos como messiânicos principalmente por causa do anúncio do Servo Sofredor. Há aproximadamente 70

¹⁰ “[...] que o restante dos homens, e todos os gentios sobre os quais o meu nome é chamado, possam sinceramente me buscar, diz o Senhor, que faz todas estas coisas.” (tradução nossa)

citações do livro no NT¹¹. Ele profetizou presumivelmente por volta de 745-680 a.C. nos tempos dos reis Jotão, Acáz e Ezequias, e foi contemporâneo de Oseias e Miqueias. Previu o cativeiro babilônico, que ocorreu por volta de 604-586 a.C. Era da tribo de Judá, de onde viria o descendente de Davi que restauraria o trono de Davi.

Na maioria das versões em língua portuguesa da Bíblia Sagrada, Isaías 4.2o apresenta uma versão para a palavra “renovo” com destaque, grafada em letra maiúscula, como se indicasse o Messias. Essa denota ser uma ênfase cristã. Na King James Bible há uma ênfase diferente para o verbete. Ali a palavra é *branche*, que significa ramo, galho. Parece dar ênfase a uma esperança de recomeço para a nação de Israel, através da intervenção divina.

Na Bíblia Hebraica, o texto é concluído com o anúncio de que, “Naquele dia, o que fizer o Eterno brotar será belo e esplendoroso, e os frutos da terra, excelentes e belos, para aqueles de Israel que tiverem escapado”.¹² A expressão “naquele dia” está dentro do contexto do capítulo 2: “Nos últimos dias, acontecerá que o monte da Casa do Senhor será estabelecido no cimo dos montes e se elevará sobre os outeiros, e para ele afluirão todos os povos”.

Essa profecia também é anunciada por Miqueias (Mq. 4:1-6) e fala da restauração espiritual e moral de Israel, bem como do domínio do Senhor sobre todos os povos, que lhe obedecerão, e não mais servirão a outros deuses. Não parece, portanto, se referir especificamente ao Messias.

A mensagem do profeta denuncia o abandono de Israel ao culto a Yahveh, sem observância às ordenanças divinas, conforme Is 1.10-11,16; não pela falta de sacrifícios e holocaustos, mas por causa da injustiça social. O juízo divino sobre a nação não tem a ver com ídolos pagãos somente, mas também com a idolatria moral: o povo se desviou de fazer o bem e passou a fazer um culto a si mesmo, ignorando as questões sociais em seu meio e se justificando diante de Deus com ofertas sangrentas. No mesmo sentido a mensagem de Ezequiel 16.48-50:

Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, não fez Sodoma, tua irmã, ela e suas filhas, como tu fizeste, e também tuas filhas. *Eis que esta foi a iniquidade de Sodoma, tua irmã: soberba, fartura de pão e próspera tranquilidade teve ela e suas filhas; mas nunca amparou o pobre e o necessitado. Foram arrogantes e fizeram abominações diante de mim; pelo que, em vendo isto, as removi dali. (grifos nossos).*

¹¹ CHAMPLIN, R. N. *O Antigo Testamento Interpretado: versículo por versículo*. Vol. 5. São Paulo: Candeia, 2000. p. 2939.

¹² BÍBLIA Hebraica. São Paulo: Sefer Ltda, 2006.

É uma arguição: o abandono do culto a Yahveh é demonstrado pela ausência de justiça social. Falta um elemento para que haja um verdadeiro culto. Meramente os sacrifícios de bodes e cordeiros não são suficientes para que o culto seja completo; para isso, é necessário não apenas acudir o clamor do pobre, fato que é reiterado incessantemente, como em Isaías. 3.14-15; 10.2, 30; 11.4; 14.30; 25.14; 26.6; 29.19; 32.7; 58.7, mas praticar em sua inteireza a justiça social, e é ratificado por Jesus: a César o que é de César (Mt. 22.21; Mc. 12.17; Lc. 20.25), e não é isso que está acontecendo no meio deles, pois, “Se cobiçam campos, os arrebatam; se casas, as tomam; assim, fazem violência a um homem e à sua casa; a uma pessoa e à sua herança”. (Is 2.2).

É possível, portanto, indagar se a esperança profética se referia a um tempo do fim ou se aguardava o surgimento de um rei que restaurasse Israel e julgasse o povo com equidade, de modo que a Lei divina fosse cumprida também na relação entre uns e outros, e não somente na relação do povo com Deus, cumprindo-se o comando divino de não cobiçar os bens do próximo (Êx 20.17), que se tornara tão flagrante naquele momento, embora os rituais externos se assemelhassem a um culto. “Esse povo honra-me só com os lábios, mas o seu coração está longe de mim”, conforme Is 29.13.

Alguns autores sugerem uma dupla composição para o livro: Os capítulos 1-39 teriam sido escrito por Isaías; os demais, de 39-66, por alguém que viveu por volta do ano 550 a.C. Se for considerada a divisão do livro de Isaías em autores distintos, ou segunda seção, o Deutero-Isaías seria o mais interessante na identificação do movimento de Jesus no primeiro século, isto porque traz uma carga importante de ensinamentos sobre a redenção e o futuro escatológico. Fohrer¹³ denomina o autor do texto de Isaías 40-55 de “o profeta anônimo”, ou Deutero-Isaias. É ele que vai correlacionar o conjunto à redação e à apocalíptica em Isaías.

Identifica-se, a seu ver, a doutrina da redenção e a da escatologia neotestamentária. Deveras não se pode ignorar que Isaías foi um dos profetas mais citados por Jesus. Os capítulos 42.6 e 49.6 são citados no livro de Atos em referência à ressurreição de Jesus (At 26.23), embora não se possa afirmar ter sido esse o alcance da profecia de Isaías, apesar de o profeta mencionar a esperança de

¹³ FOHRER, Georg. *História da Religião de Israel*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2008. p. 419-421.

vida após a morte: “Os vossos mortos e também o meu cadáver viverão e ressuscitarão¹⁴; despertai e exultai, os que habitais no pó, porque o teu orvalho, ó Deus, será como o orvalho de vida, e a terra dará à luz os seus mortos. (Is 26.19).

Já para Mesters¹⁵, os capítulos 40 a 50 foram escritos por um discípulo de Isaías, que viveu com o povo no cativeiro babilônico, após a morte do profeta, em data posterior a Jeremias. Faz a mesma leitura de estudiosos dos séculos 11 e 12, Rashi, Ibn Ezra e Radak, comentaristas judaicos chamados de “os três grandes”, que suscitaram polêmicas “antijesus”, conforme descrito por Bock e Glaser¹⁶. Numa leitura romanceada, revela o Servo Sofredor no chamado “quatro cânticos”¹⁷.

Segundo o autor, a missão do “Servo” é reorganizar o povo de Israel, assim como fizeram Moisés e Josué, e reconduzi-los na volta do cativeiro, e reuni-los em torno de Deus. O “Servo” não seria uma única pessoa, mas sim, o grupo mais consciente do povo. Desse modo, ele seria primeiramente Jeremias, em quem o autor de Isaías 40-55 se inspirou: o profeta não se inclinou diante dos opressores e tudo fez para manter a esperança do povo. Depois, a figura do “Servo” estaria representada pelo povo do cativeiro, pobre e oprimido, cuja missão seria apresentar-se como o “Povo de Deus” para libertar os oprimidos, não todo o povo, mas o grupo consciente. Entretanto, o povo deixou de ver a semente da resistência dentro dele e falhou, porque passou a se comportar como os opressores.

Como o grupo consciente, que deveria se organizar para libertar o povo oprimido é seduzido pela tentação de achar que só ele pode libertar o povo, e deixa de ser servo, e passa a ser dono, a figura do Servo passa a ser aplicada a Jesus¹⁸, que se inspira nos “quatro cânticos” para realizar sua missão aqui na terra. Ele teria vivido em Nazaré na condição dos pobres de Deus, que, mesmo machucados e oprimidos, não revidavam. Habitou entre os pobres e oprimidos, e deu-lhes razão de esperança. Ele não se inclinou diante dos opressores. Na hora decisiva, o Pai o abandona e desaparece, assim como os pobres da terra são abandonados. Mas ele

¹⁴ A palavra ressurreição é muito utilizada no sentido de levantar-se do sheol, ou reino dos mortos, lugar de trevas e inatividade. A esse respeito confira-se: BARBAGLIO, Giuseppe. *Jesus, hebreu da Galileia. Pesquisa histórica*. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 548-549.

¹⁵ MESTERS, Carlos. *A missão do povo que sofre*. Vozes, Petrópolis. CEBIM Angra dos Reis, 1981. p. 19. Quarto cântico

¹⁶ BOCK, Darrell L.; GLASER, Mitch. *O servo sofredor*. São Paulo: Cultura Cristã, 2015. p. 54-55.

¹⁷ Primeiro cântico: Isaías 42.1-9 (A semente da esperança); Segundo cântico: Isaías: Isaías 49.1-2 (O veiozinho verde da esperança); Terceiro cântico: Isaías 50.4-9 (A espiga da história: Tempo de luta e de espera); Quarto cântico: Isaías 52.13 a 53.12 (O fruto maduro da vitória).

¹⁸ MESTERS, 1981, p. 20.

conclui com êxito sua missão, apontando para o restabelecimento da comunhão com Deus e dando atenção aos pobres e oprimidos. Com a missão do Servo concluída, a classe opressora se converteria e a sociedade passaria a existir sem oprimidos e excluídos.

Bock e Glaser discorrem de igual modo sobre a multiplicidade de autores (Is. 1-39 e 40-66), quanto ao “Servo Sofredor” como sendo o povo de Israel (que, aliás, é também o entendimento dos israelitas¹⁹), ou os remanescentes do cativo. Defendem, no entanto, a autoria única do profeta Isaías e as várias fases de sua vida, mantendo o entendimento segundo o qual o “Servo” não pode ser uma entidade coletiva, como o povo de Israel, de vez que há várias afirmações específicas em Isaías 53 que falam de vida e morte, e que guardam muita semelhança com a vida de Jesus. Asseveram que, contra aquela proposta, deve ser lembrado que os autores do NT, citam a passagem como se referindo a Jesus para embasar sua fé.

Champlin²⁰ entende que esse texto pode se referir originariamente a Israel, especificamente a Judá, mas que não é possível ignorar seu caráter profético posterior, pelo que se deve considerar, por exemplo, o capítulo 37.25 uma referência de servo de Deus tanto para a nação de Israel quanto o Rei messiânico. Afirma que, ao se examinar todas as passagens do livro, é possível perceber quando se trata do cativo assírio (Is 10.5 e ss.) e babilônico (Is 39), bem como do retorno do povo à terra após o cativo. Já Is 53 seria a nota mais precisa sobre o Messias, Jesus, e seu sofrimento.

Em relação ao tema, é verdade que o Novo Testamento se apropriou da mensagem de Isaías como se lhe pertencesse unicamente, ignorando o contexto original a que pertence, mas é fato que a mensagem profética deve ser aceita com seus variados alcances. Nessa vertente, é aceitável que a ressurreição em Isaías tenha a ver com o reavivamento da nação, como lhe faz coro Ezequiel 37 com a visão do vale de ossos secos, como também ao ressurgimento dentre os mortos, da forma aplicada a Jesus. Podemos, então, admitir que uma visão judaica do texto pudesse nos levar a conclusão de que o Servo seria o povo de Israel, dentro do contexto primário. É certo, contudo, que são replicadas no Novo Testamento

¹⁹ BOCK; GLASER, 2015, p. 95.

²⁰ CHAMPLIN, 2000, p. 2782.

algumas figuras mencionadas por Isaías: o Servo, o Sacrifício vicário, a Ressurreição, e é Jesus quem mais se adequa à figura do “Servo”.

Superada a questão quanto aos destinatários originários, e adotando o entendimento de Bock e Glaser²¹, Isaías parece apontar para o ministério de vida e morte sacrificial do Messias. Essa notícia está, naturalmente, um tanto velada, pois não há um indicativo claro de ressurreição e nem a promessa da ressurreição para outros, mesmo quando insinua que ele não permaneceria na morte. Por outro lado, é uma demonstração clara de que o tema “ressurreição” já tinha sido aventado muito antes do cativeiro persa, que alguns estudiosos entendem ser a época em que o povo de Israel teria sido apresentado ao tema.

O texto de Isaías 26.19 revela que “Os vossos mortos e também o meu cadáver viverão e ressuscitarão; despertai e exultai, os que habitais no pó, porque o teu orvalho, ó Deus, será como o orvalho de vida, e a terra dará à luz os seus mortos”. Já o “Servo” de Isaías surge no Novo Testamento nas palavras de Jesus, que se refere a si próprio como servo de Deus: “Mas ele lhes disse: Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também” (Jo 5.17).

1.2.4 Miqueias

Miqueias é também contemporâneo de Isaías por algum tempo, pois profetizou durante o reinado de Jotão, Acaz e Ezequias (1.1). Sua mensagem se dirige simultaneamente à Samaria e à Jerusalém, tendo, portanto, um cunho mais abrangente, mais universal: ele prevê o cativeiro e sua severidade, mas também suas consequências benéficas: o retorno das ovelhas do Senhor, numa referência à cura espiritual da nação (2.12); revela o Senhor como Deus de todos os povos, e não apenas de Israel (4.1); revela uma esperança apocalíptica (4.3), e ainda o local do nascimento do Enviado, cujas origens são desde os dias da eternidade (5.2), como mencionado no evangelho de João (Jo 1.1). Na verdade, é um resumo das esperanças do povo israelita no NT. Embora nada mencione sobre como se dará o resgate do povo, este é um veículo importante que vai alimentar a esperança do povo na longa espera pelo Messias.

²¹ BOCK; GLASER, 2015, p. 35.

1.2.5 Jeremias

O profeta Jeremias exerceu seu ministério desde o décimo terceiro ano do rei Josias, por volta de 627 a.C. até depois da queda de Jerusalém, em aproximadamente 586 a.C. Ele profetizou cerca de cem anos depois de Isaías e Miqueias, e é contemporâneo a Habacuque e Ezequiel, que profetizaram para Judá; Ezequiel e Daniel, para a Babilônia, e Naum, possivelmente para Nínive. Seu livro pode ser resumido, basicamente, em três temas: 1) denúncia da idolatria – capítulos 1-29; 2) promessa de restauração e de uma nova aliança – capítulos 30-33; e, 3) relatos históricos e mensagens proféticas concernentes aos acontecimentos em Judá e nações vizinhas bem como o Juízo divino sobre cada uma – capítulos 34-53.

Durante quarenta anos Jeremias exortou o povo contra a idolatria e profetizou a destruição de Jerusalém. Com o povo já no cativeiro, o profeta trata da restauração e da nova aliança como um ajuste entre Deus e Seu povo. Do lugar onde o povo se encontra, sua única esperança é o cumprimento da palavra que anteviu o retorno da nação escolhida por Deus à terra da promessa. O cerne da mensagem, como não poderia deixar de ser, é o perdão divino e a restauração à condição privilegiada que tinham anteriormente como povo de Deus.

Apesar de estar vivendo o exílio, Jeremias profetiza sobre o pacto de Deus com Jacó e com Davi (33.26), na qual Deus reafirma Sua fidelidade ao concerto feito com os patriarcas. Entra aqui também a interpretação sobre a ascendência de Abraão sobre os “nascidos da fé” em igual condição com os “nascidos da lei” (Rm 4.16-18; Gl 3.6-9; 4.22-31), melhor entendido na teologia paulina.

Os capítulos 30-33 são bastante utilizados como uma profecia messiânica, embora pare dúbidas sobre sua originalidade. Segundo Champlin²², foi acrescentado muito material ao livro depois de 560 a.C.; o texto hebraico e a versão da Septuaginta diferem muito em conteúdo, e a Septuaginta omite várias passagens, como, por exemplo, Jeremias 33.14-26, que repete a promessa de Deus a Davi sobre o “Renovo de Justiça”. Afastadas as suposições a esse respeito, e se for considerado o fato a partir da óptica de que as profecias veterotestamentária têm cunho não só imediato, mas também futuro, sua citação como esperança cristã é adequada. Nada, porém, que mencione ressurreição.

²² CHAMPLIN, 2000, p. 2984.

1.2.6 Daniel

Embora o livro tenha sido por alguns autores em torno de 535 a.C.²³, por conta da citação de Daniel 1.1, para Schmidt²⁴, o autor do livro viveu na época dos macabeus. Segundo ele, o autor do livro teria retomado tradições proféticas, como Ezequiel e Zacarias, para tentar manter viva a escatologia profética (tardia). Outros autores que situam o livro no tempo dos macabeus são Ellisen²⁵ e Chevitarese e Cornelli.²⁶ Para Ellisen, o livro de Daniel foi um fator preponderante para o povo suportar os tempos difíceis daquela época.

Um dos textos mais conhecidos é o de Daniel 9.1-27. O profeta demonstra perplexidade diante do pecado do povo de Israel. Durante sua oração, ele é visitado por Gabriel, um mensageiro divino, que lhe revela tempos futuros de restauração e edificação de Jerusalém para que ocorra a manifestação do Ungido, que será morto depois de sessenta e duas semanas. Nessa referência, embora faça alusão à morte do Ungido, não menciona ressurreição.

No capítulo 12.13 há uma referência que evoca morte e ressurreição: “Tu, porém, segue o teu caminho até ao fim; pois descansarás e, ao fim dos dias, te levantarás para receber a tua herança”. Aqui se percebe a apresentação de dois temas: morte (descansarás) e ressurreição (levantarás). Outro texto que pode evocar ressurreição é Daniel 12.2: “Muitos dos que dormem no pó da terra serão despertados, alguns para a vida eterna, e outros para a vergonha e o desdém eternos.”²⁷ (confira-se Mt 7.23, 25.41; Lc 13.27), e que, para Schmidt²⁸, representa a ressurreição dos mortos pertencentes ao povo de Deus, os israelitas.

É no livro de Daniel que vai ser descrito um retorno à vida após a morte para receber benefícios ou punições. A Torah nada menciona. As recompensas e os castigos são, nos livros de Moisés, recebidos ainda em vida. Esse pensamento vai

²³ GAGLIARDI JR. Angelo. *Panorama do Velho Testamento*. 2 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

²⁴ SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1994. p. 276-281.

²⁵ ELLISEN, Stanley A. *Conheça melhor o Antigo Testamento*. São Paulo: Vida, 2002. p. 264.

²⁶ CHEVITARESE, André L. Gabriele, CORNELLI. *Judaísmo, Cristianismo e Helenismo*. Ensaios acerca das interações culturais no Mediterrâneo antigo. São Paulo: Fapesp Annablume, 2007. p. 33.

²⁷ BÍBLIA Judaica Completa: o Tanakh [AT] e a B'rit Hadashah [NT]. Tradução do original para o inglês: David H. Stern. Tradução do inglês para o português: Rogério Portella e Celso Eronides Fernandes. São Paulo: Vida, 2010, p. 1113.

²⁸ SCHMIDT, 1994, p. 281.

se tornar tradicional na fé judaica séculos depois de escrito o Pentateuco, na época dos Macabeus,²⁹ o que parece corroborar Schmidt, conforme mencionado.

Alguns críticos suscitam dúvidas sobre a autenticidade das profecias de Daniel, por existirem “[...] reflexos de uma teologia posterior, incluindo o conceito dos anjos e a doutrina da ressurreição [...]” que só teriam surgido na “[...] forma apresentada no livro de Daniel senão já na época dos macabeus.”³⁰ Esse pode ser considerado um texto que ficou adormecido como semente para a doutrina da ressurreição, e que vai brotar no exílio como parte da esperança messiânica.

Como visto, nos principais textos proféticos do Antigo Testamento as profecias dão respaldo à interpretação neotestamentária acerca do Ungido, sua morte e ressurreição. É no ambiente intertestamentário que ocorre um grande progresso no desenvolvimento dessas ideias, proporcionando seu reuso e reinterpretação no Novo Testamento. Ali já são encontrados debates claros entre os vários partidos religiosos e/ou políticos. O que os profetas, desde Abraão (Gn 8.58), ou porque não dizer, desde o resgate do homem no jardim do Éden (Gn 3.15) mal vislumbravam, tornou-se a esperança do povo que se encontrava subjugado e disperso.

Existem, naturalmente, vários outros textos proféticos que poderiam ser comentados a respeito do tema. Entretanto, a exiguidade do espaço não permite maiores digressões, e os exemplos mencionados são suficientes para demonstrar que o AT canônico não se ocupou com o assunto, até porque o enfoque era outro: o homem vivendo sob o beneplácito do Senhor, e recebendo em vida os benefícios, como antes mencionado. E, ainda, a dispersão do povo, com seu consequente retorno à terra da promessa, como cumprimento das profecias que predisseram a exultação de Israel após os anos de cativo.

Já a pregação sobre o Reino de Deus é introduzido por João Batista na Palestina do primeiro século e mantido por Jesus. Há uma lacuna entre os ditos proféticos e os escritos cristãos. Se for considerado, por exemplo, o ensino dos saduceus como o que mais se aproxima do pensamento israelita do AT, mormente no que diz respeito à ressurreição, conforme defende Nolan³¹, seria fácil deduzir que aqueles ensinamentos não faziam sentido para aquela comunidade. Entretanto, não foi

²⁹ CHAMPLIN, Russell Norman. *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Ed. Candeias, 2000. v. 7, p. 5159.

³⁰ CHAMPLIN. v. 6, p. 4097.

³¹ NOLAN, Albert. *Jesus antes do Cristianismo*. 7 ed. São Paulo: Paulus, 2010. p. 29.

assim que aconteceu, pois quando Jesus ensinava, tanto o povo quanto os mestres da lei reconheciam sua autoridade, conforme descrito em Marcos 1.21-22. Existe, portanto, a necessidade de perquirir por que o discurso apostólico não soou como surreal aos ouvidos da população; por que era possível crer que o Messias já tinha vindo; por que acreditar que ele tinha vindo, morrido e ressuscitado. E mais, por que era possível crer que eles próprios iriam ressuscitar?

O que se depreende dos fatos é que Jesus viveu num contexto em que as ideias sobre o messianismo e a ressurreição já eram profusas, e seu Movimento vai trazer maiores luzes sobre o assunto, como se verá a seguir.

2 ENTRE OS TESTAMENTOS: O MOVIMENTO DE JESUS

O pouco acesso aos escritos tidos como não inspirados e a atenção quase exclusiva ao chamado texto canônico pela corrente cristã fez com que o ambiente do Novo Testamento ficasse um tanto obscuro. O material razoavelmente preservado até hoje revela a situação da época através da perspectiva de uns poucos autores como Plínio, o Velho, Flávio Josefo, e, no ambiente cristão, o apóstolo Paulo. É dada, portanto, menor importância no cânon cristão à situação religiosa e política da época, que é o pano de fundo na formação da nova comunidade, o que, a rigor, alteraria substancialmente a interpretação dos textos do NT.

A doutrina dos apóstolos no livro de Atos, mormente em Atos 2.42, é vista quase exclusivamente a partir da visão paulina, e é pouco estudada a partir do contexto judaico do Jesus Galileu, dos ensinamentos de Jesus nos evangelhos e das revisitações ao Antigo Testamento pelos escritores neotestamentários não paulinos. Talvez por isso, os conceitos cristãos que ora temos parecem, às vezes, não se conectarem logicamente a algo anterior ou, ainda, aparenta ter surgido da inspiração de apenas um ou outro personagem, qual seja Pedro, ou Paulo, ou João.

Entretanto, é preciso observar com atenção o contexto em que foram proferidos os ensinamentos de Jesus e ampliar o mais possível o horizonte sobre as figuras que tiveram importância na formação religiosa no período estudado e, igualmente importante, sobre quem escreveu sua história. Flávio Josefo, por exemplo, foi, durante muito tempo, praticamente a única autoridade que discorreu sobre os movimentos religiosos da Palestina, e seus escritos foram dirigidos à comunidade helênica.

Ele pouco mencionou os outros movimentos religiosos israelitas igualmente importantes à época, como, por exemplo, o da comunidade de Qumran, que baseava sua doutrina nos escritos judaicos, com interpretação peculiar às correntes majoritárias, como às dos fariseus e saduceus. Após a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto, os estudos sobre essa comunidade assumiram maior relevância inclusive em relação à compreensão da fé cristã, já que, diferentemente de Josefo, ela escreveu para seus membros, todos israelitas, em hebraico e aramaico,

relatando suas crenças, costumes e sua percepção do mundo à luz das tradições judaicas, conforme discorreu Vermes³².

Torna-se necessário, portanto, compreender o período anterior ao contexto social neotestamentário e como se formou o pensamento que vigorava na época dos apóstolos: o que alguns grupos aceitavam como divinamente autorizados não era reconhecido por outros, e as interpretações das Escrituras eram diversas dentro dos variados grupos na Palestina do século primeiro d.C. Para Nickelsburg, “As expectativas ‘messiânicas’ eram multiformes; os judeus, enquanto um grupo uniforme, não esperam um Messias; pessoas diferentes tinham expectativas diferentes [...]”³³

Com o cativeiro de Judá, muitos foram levados para o exílio na Babilônia. Os que ficaram na terra perderam o contato com o santuário, pois o templo foi derrubado e os objetos sagrados saqueados. Nada é mencionado sobre os sacerdotes que lá ficaram, até porque, na falta do templo, não tinham como exercerem seu ofício. No exílio, os israelitas formaram comunidades estáveis e prósperas. Lá perderam o hebraico e adquiriram o aramaico, idioma oficial da Pérsia, e também encontraram uma nova maneira de se reunirem para adorar a Deus, as sinagogas.

Embora não tivessem o esplendor do templo, elas se tornaram símbolo da identidade do povo judeu, como passaram a ser conhecidos na Diáspora. O nome foi usado inicialmente em referência aos habitantes do Reino do Sul nas cidades para onde a tribo de Judá foi exilada. No Novo Testamento, o nome “judeu” não se refere especificamente ao nacional de Israel, ao israelita, ou ao praticante da religião judaica, que inclusive ainda não estava normatizada na época. Assim, por exemplo, os judeus³⁴ mencionados pelo evangelista João (Jo 2.6, 8.31, 19.42), seriam os habitantes da Judeia, conforme ensina Freyne³⁵: “Muitos estudiosos atualmente preferem falar de judeios ao invés de judeus”.

³² VERMES, Geza. *Jesus e o mundo do judaísmo*. São Paulo: Loyola, 1996. p. 130-131.

³³ NICKELSBURG, George W. E. *Literatura judaica, entre a Bíblia e a Mixná*. São Paulo: Paulus, 2011. p. 243.

³⁴ Judeus seriam os indivíduos habitantes da Judeia, independentemente de sua orientação religiosa. O verbete só passa a caracterizar um segmento religioso a partir do século IV d.C., segundo ELLIOTT, 2007, p. 120, nota 6 *apud* STEGEMANN, 2012. p. 245, nota 460.

³⁵ FREYNE, Sean. *Jesus, um judeu da Galileia: nova leitura da história de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 15.

Stegemann³⁶ sugere que o termo “judaíta” melhor designaria a etnia, evitando equívocos em relação à comunidade religiosa de Israel na Palestina do I século da era cristã. Já “israelita”, segundo o mesmo autor, designaria também a mesma etnia, tratando-se apenas de uma questão de semântica.

Muitos temas que já eram conhecidos dos israelitas³⁷, mas apenas pincelados pelos profetas, ou que existia na concepção judaica sem necessidade de destaque, criaram substância a partir dos matizes persas. Aconteceu assim, por exemplo, com a ressurreição. Nesse tempo, a religião persa já tinha conceitos muito elaborados sobre a vida após a morte. Já discutiam ressurreição geral no dia do julgamento e acreditavam que os mortos ressuscitariam em seus corpos. Na literatura judaica desse período, o livro canônico de Daniel (Dn 12.2) e o livro de 1 Enoque (Em. 90.33) já abordam a temática da ressurreição, conforme descrito por Nickelsburg³⁸ e Grelot³⁹.

Com o decorrer do tempo e com a influência da sociedade persa, a concepção que os israelitas tinham sobre Deus evoluiu para a compreensão de um Deus mais pessoal. Embora o nome de Deus continue a não ser pronunciado, ele passou a ser identificado nas suas diversas realizações, sem, contudo aproximar-se, em nenhuma circunstância, da ideia de panteísmo. É uma percepção da transcendentalidade divina em relação aos homens, e não apenas aos anjos, conforme era admitido, que vai proporcionar um conhecimento maior do Ser pessoal de Deus.

Utilizavam, para isso, segundo Fohrer⁴⁰, um recurso linguístico chamado hipóstase.⁴¹ hipóstase-palavra: “[...] os poderes divinos gradualmente se desenvolveram em, isto é, entidades independentes capazes de agir por própria conta. Em suas ações, poder-se-ia perceber a operação do próprio lahweh, sem encontrá-lo diretamente”. No Novo Testamento alguns conceitos são transmitidos

³⁶ STEGEMANN, Wolfgang. *Jesus e seu tempo*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012. p. 245.

³⁷ Israelitas, da mesma forma, significaria a pertença étnica do povo judeu, e não diferiria de conceito, segundo STEGEMANN, 2012. p. 259.

³⁸ NICKELSBURG, George W.E. *Literatura judaica, entre a Bíblia e a Mixná*. São Paulo: Paulus, 2011. p. 171-177.

³⁹ GRELOT, P. *A esperança judaica no tempo de Jesus*. Loyola, 1996. p. 39-43

⁴⁰ FOHRER, 2008, p. 484.

⁴¹ Hipóstase, segundo a reflexão moderna e contemporânea, é o equívoco cognitivo que se caracteriza pela atribuição de existência concreta e objetiva (existência substancial) a uma realidade fictícia, abstrata ou meramente restrita à incorporalidade do pensamento humano (HOJAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Objetiva, Versão monousuário 017b. [S.l]: 2008).

dessa forma, como, por exemplo, o Verbo que se fez carne é entendido como o Deus encarnado que fala diretamente aos homens.

Em relação aos seres espirituais, os israelitas entendiam inicialmente que Deus era o único detentor de todo o poder para fazer tanto o bem quanto o mal, já que Yahveh era o único Deus, como descreve Isaías 45.7. É no início do período pós-exílico que se observam as primeiras menções a algum ser pertencente ao mundo espiritual como sendo responsável pela prática do mal, Satanás (Zc 3.1 e Jó 1.6, caso seja considerada a datação dada pela Bíblia de Jerusalém). O nome aparece diversas vezes no AT no sentido de adversário (1 Rs 15.18, 11.14) e só em 1 Crônicas 21.1 como Satanás, incitando Moisés a fazer o censo, embora o mesmo fato narrado em 2 Samuel 24.1 apresente Deus como o incitador de Moisés.

Apesar da influência persa, a ideia de existência de dualismo nunca se desenvolveu entre os diversos grupos porque Satanás era visto como um anjo decaído que praticava o mal; quanto aos demônios, concebeu-se a ideia de que sua existência pode ter decorrido da evolução dos espíritos mencionados em 1 Samuel 16.14 e 1 Reis 22.21,22.

Algo também que deve ser visto é a questão da proximidade da intervenção divina do curso da história de Israel. Esse tema não era exclusivo do discurso de Jesus. João Batista entra em cena anunciando que está próximo o reino dos céus. Esse discurso também é encontrado entre outros grupos religiosos da época, como esclarece Nolan⁴²: “[...] a ideia da proximidade de algum tipo de intervenção divina não foi contribuição original de Jesus. Era crença bastante comum em sua época. [...] Foi essa crença que inspirou as visões e os cálculos apocalípticos.”

Além disso, não existia uma unidade doutrinal. A diversidade cultural a que foram submetidos no cativeiro originou diversas interpretações sobre a Torah e sobre os demais escritos sagrados. Por essa razão, coexistiam vários “judaísmos” nos lugares onde passaram a habitar a partir da primeira Diáspora. Essa é, inclusive, uma das principais causas de existirem vários grupos que praticavam de modo diferente a chamada Lei de Moisés, tais como os fariseus, os essênios, os saduceus, os samaritanos, a comunidade de Qumran.

O “Movimento do Jesus Judeu”, embora não seja encontrado com esse nome, é assim facilmente identificado por ter um líder, um conjunto de crenças e

⁴² NOLAN, 2010, p.126-127.

inúmeros seguidores, como sói acontecer com seitas ou movimentos sociais. Após a morte de seu líder, o grupo de seus seguidores passou a ser chamado de “O Caminho” (At 9.2), ou “Seita do Nazareno” (At 24.5) e era apenas outra vertente do judaísmo da Palestina no I século d.C. Apesar de já haver se tornado um movimento consistente, somente deixou de ser uma seita judaica tempos depois da morte de Jesus. A designação de “cristão” foi dada pela comunidade de Antioquia, não se sabendo ao certo quando isso ocorreu.

Em comum, os diversos grupos religiosos de Israel tinham a fé no Deus de Israel; a consciência de ser o povo eleito de Deus, e a centralidade do culto em Jerusalém. De todo modo, mesmo que de forma ou intensidade diversa, os variados grupos esperavam uma salvação messiânica em termos de soberania nacional contra o Império Romano. Dentre estes, os fariseus obtiveram maior influência dentro do judaísmo, e, após a destruição do templo de Jerusalém, em 70. d.C., os demais grupos praticamente deixaram de existir.

Não é possível afirmar que no exílio e no período imediatamente posterior o povo tivesse um anseio messiânico; sua urgência era o retorno à terra e a reconstrução da nação israelita. Apesar da reforma religiosa promovida por Esdras, a esperança estava focada no restabelecimento do país. Horsley⁴³ discorre sobre as figuras mais importantes naquele momento histórico:

Não é apropriado falar de uma esperança judaica de “o Messias”, neste ponto, pois dentre as profecias tardias conservadas que inspiraram as esperanças dos judeus são poucas as que usam o termo *ungido*. [...] Chama a atenção o fato de que muitas profecias referentes a um futuro rei ou provêm originalmente do Israel tribal ou remetem a tradições populares daquele período. Por exemplo, Ezequiel, numa profecia do cumprimento das promessas a Abraão, não só liga a renovada observância dos preceitos da aliança com o novo Davi, mas também prefere o termo *príncipe (nasi)*, designação do líder da antiga confederação tribal, ao título de *rei (melek)* (ver Ez 37, 24-26).

Entretanto, no tempo de Jesus é possível perceber a expectativa da vinda do Messias: “És tu aquele que estava para vir ou havemos de esperar outro?” (Mt. 11.3); “Eu sei, respondeu a mulher, que há de vir o Messias, chamado Cristo; quando ele vier, nos anunciará todas as coisas” (Jo 4.25). Não se deve, contudo,

⁴³ HORSLEY, Richard A.; HANSON, John S. *Movimentos populares no tempo de Jesus: Bandidos, Profetas e Messias*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 98-99.

confundir esse anseio com religião, pois em Israel não parece existir essa dicotomia, mesmo que haja apelos sociais e nacionalistas, conforme exposto por Marguerat.⁴⁴

É interessante notar no ambiente de Jesus que o Messias é mencionado diretamente apenas pela mulher samaritana (Jo 4.25), pois, ao questionar sobre quem diziam ser ele, os compatriotas de Jesus conjecturaram sobre João Batista, ou Elias, ou um dos profetas (Mt 16.13-14; Mc 8.27-29; Lc 9.18-19). Os discípulos, no caminho de Emaús, mencionam Jesus como um profeta poderoso em obras e palavras (Lc 24.19). Somente um de seus seguidores mais próximos dá a resposta esperada (Mt 16.16).

Vejamos, então, como pensavam e como se portavam os principais grupos judaicos da Palestina no primeiro século da era cristã.

2.1 Escribas

O escriba (escrivão, copista) era o profissional que copiava manuscritos ou escrevia textos ditados. No Antigo Testamento, palavra utilizada (2 Sa 20:25) servia para descrever o escrivão-mor, o escriturário que arrolava os homens para a guerra e o secretário do rei (Jz 5.14, 2 Sm 5.25; 1 Rs 4.3; 2 Rs 25.19; 1 Cr. 2.55; Jr 52.25). No tempo do cativeiro tiveram sua importância ainda mais realçada, pois eram eles que copiavam as Escrituras e também quem lia e interpretava a Lei. Esdras, além de ser sacerdote da linhagem de Arão, era também escriba versado na lei de Moisés (7.5,6). Antes deles, eram os sacerdotes que copiavam e interpretavam a Lei. A mudança se deu durante o exílio; na ausência do sacerdote, os escribas se encarregaram de copiar e interpretar os ensinamentos sagrados. Não chegavam a ser um grupo sectário, pois eram, em sua maioria, alinhados aos fariseus.

No NT, as citações a intérpretes da lei, mestres da lei, doutores da lei (Lc 7.30) se referem à mesma figura, os escribas, embora sejam usadas palavras diferentes no grego para nominá-los. Nesse viés, Tognini⁴⁵ diz que “Os escribas se dedicaram a copiá-la e vieram a ser peritos, doutores e intérpretes da Lei. Foram seus grandes mestres e comentaristas [...] foram o alicerce da Mixná, do Talmude e

⁴⁴ MARGUERAT, Daniel. *A primeira história do cristianismo*. Os atos dos apóstolos. São Paulo: Paulus; São Paulo: Loyola, 2003. p. 177.

⁴⁵ TOGNINI, Enéas. *O Período interbíblico: 400 anos de silêncio profético*. São Paulo: Hagnos, 2009. p. 150.

dos textos agádicos [...]”. Tal afirmação é confirmada em parte pelo evangelista Mateus (Mt 23.7).

Com efeito, pelas mãos dos escribas também vieram os comentários à margem do texto que, futuramente, deram origem à Mixná. Sua autoridade era tanta que, nos tempos de Jesus, esses comentários passaram a ter a mesma força da Escritura judaica, e, em certos casos, até maior que os escritos sagrados. Em Mt 5.43, Jesus se opõe aos ensinamentos daqueles que, como os escribas e fariseus, ensinavam a tradição de homens em detrimento da genuína palavra de Deus: “Amarás o teu próximo, e odiarás o teu inimigo”.

Essa orientação pode ter surgido no tempo dos Macabeus depois que foram atacados sem chance de defesa em um sábado, dia no qual eles não poderiam pegar em armas para se defenderem. As frases de Jesus, ao contraditar os ensinamentos que extrapolam as Escrituras sempre começam com: “Ouvistes que foi dito aos antigos [...] Eu, porém, vos digo [...]” (Mt 5.21, 44).

Brown não se posiciona sobre o partido com o qual os escribas mais se identificavam. Para ele, “[...] os saduceus e os essênios atraíam com seu modo de pensar, escribas; mas pode bem ser verdadeiro que a maioria dos funcionários versados na Lei e nos processos era farisaica”.⁴⁶ Já Tognini⁴⁷ defende que apenas uns poucos eram saduceus, e que a maioria era fariseu. Nesse sentido, convém lembrar que Jesus pouco citou os saduceus. Na seção dos “ais” (Mt 23.13-36) são citados escribas e fariseus como responsáveis pela doutrina equivocada que impunham ao povo um rigor maior que as Escrituras.

Não parece que eles tinham um partido religioso ou político específico. De qualquer modo, como visto, eles eram os responsáveis pela escrita e ensino das Escrituras, juntamente com os fariseus (Mt. 23.2). O segundo evangelho já os coloca muito mais em evidência em relação aos fariseus (Mc 2.16). Não há conhecimento suficiente para falar sobre a doutrina que ensinavam, mas, se adotarmos a tese que os posiciona ao lado dos fariseus, é certo que pregavam a ressurreição e a existência após a morte, como aqueles.

2.2 Fariseus

⁴⁶ BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 148.

⁴⁷ TOGNINI, 2009, p. 151.

Dentre os grupos religiosos de Israel, os fariseus tinham maior influência que os demais, e, após a destruição do templo de Jerusalém, em 70 d.C., os demais grupos praticamente deixaram de existir. Já os fariseus, que controlavam a maior parte das sinagogas, continuaram a promover sua visão de judaísmo, que vai originar o judaísmo rabínico, consolidado por volta do II século d.C.

Para Otzen,⁴⁸ os fariseus surgiram provavelmente de pouco depois de 200 a.C. até o segundo século a.C. Josefo os situa por volta de do fim do segundo século, após a revolta dos macabeus. Eram tidos em alto conceito pela população de Israel nos tempos do Novo Testamento. O nome “fariseu” significa “separado” e não tem originariamente conotação pejorativa. Juntamente com os escribas, eram responsáveis pela doutrina (Mt 16.12).

É esclarecedora a anotação do *The Lion Handbook to the Bible*⁴⁹, ao explicar que os fariseus não eram hipócritas que se faziam de santos, como se crê usualmente. Eles eram amplamente respeitados por seu empenho na preservação e obediência da lei. Tinham grande influência entre o povo, de modo que eram importantes no sínédrio (At 23.6).

Socialmente, os fariseus pertenciam à classe média,⁵⁰ enquanto os saduceus eram aristocratas, ricos e ocupavam cargos importantes, incluindo o cargo de primeiro sacerdote e de sumo sacerdote. Eles defendiam a Lei Oral, a chamada “tradição dos antigos”, considerando-a como o desenvolvimento da Torá escrita. Não eram exatamente inimigos de Jesus, que repelia a importância que eles davam à Lei Oral em detrimento da misericórdia. Eram muito mais próximos de Jesus que os saduceus, como se percebe de vários textos.

Em Lc 5.17-26, Jesus estava ensinando, e se encontravam ali assentados fariseus e mestres da Lei. É certo que se escandalizaram quando Jesus perdoou os pecados do paralítico, mas demonstraram em várias ocasiões que queriam aprender o que Jesus ensinava; em Lucas 13.31 os fariseus advertem Jesus que sua vida corria risco; em Lucas 7.36 ele é convidado por um deles para jantar em sua casa, e dirige-se pessoalmente a ele para ensiná-lo sobre o amor; em outra oportunidade,

⁴⁸ OTZEN, Benedikt. *O judaísmo na antiguidade: a história política e as correntes religiosas de Alexandre Magno até o imperador Adriano*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 154.

⁴⁹ ALEXANDER, Pat.; ALEXANDER, David (Ed.). *The lion handbook to the Bible*. 4 ed. Oxford: Lion Hudson plc, 2009. p. 529.

⁵⁰ OTZEN, 2003, p. 153.

outro fariseu o convida para participar de uma refeição e Jesus aceita; após a morte de Jesus, muitos deles se convertem, inclusive Paulo (At 15.5).

Convém considerar que Jesus não reprovou os ensinamentos dos fariseus, mas apenas repeliu os acréscimos da Lei oral e o jugo que impunham sobre o povo, tanto que orientou o povo a fazer e guardar tudo o que eles diziam, sem, contudo, imitá-los em suas atitudes (Mt 23.3).

2.3 Saduceus

Constituíam a aristocracia sacerdotal, e provavelmente descendiam da casa de Arão. Pertenciam à classe alta, juntamente com os latifundiários, os ricos comerciantes e a nobreza leiga. Defendiam uma conciliação entre a Lei mosaica e os costumes gregos e eram representados principalmente pelos sacerdotes. Por fazerem parte da elite sócio-política e apoiarem os romanos, não eram bem vistos pelo povo. Quanto aos costumes, eram mais inclinados à helenização. Esse grupo deixou de existir após a destruição do Templo de Jerusalém, em 70 d.C., após perderem o apoio romano.

Embora nada tenha subsistido de seus escritos, sabe-se que eram mais conservadores que os fariseus em relação à Lei. Desprezavam as tradições orais e consideravam apenas a palavra escrita como divinamente inspirada, ao passo que os fariseus colocavam a tradição oral em igualdade com a escrita. Já os saduceus não acreditavam na existência de anjos e demônios, e nem na ressurreição dos mortos (At 23.8). Defendiam o livre-arbítrio humano, enquanto os fariseus atribuíam todos os acontecimentos à vontade de Deus. Eles deram origem ao judaísmo caraíta, formado no século VIII, e que existe até hoje. Nolan⁵¹ explica que os saduceus eram mais conservadores e só admitiam as antigas tradições hebraicas, de modo que ressurreição era uma novidade inaceitável. Para eles, os castigos e recompensas eram recebidos em vida.

De fato, o Antigo Testamento tem claramente um foco na recompensa em vida. Desde a promessa dada a Abraão e à sua descendência, o Senhor os faria prosperar nessa terra, e esse é a confiança dos israelitas em todas as situações

⁵¹ NOLAN, 2010, p. 29.

aflictivas, como parece confirmar as promessas divinas no livro de Deuteronômio (por exemplo, Dt 28.12,13).

Tal esperança é mantida através do tempo, e os saduceus estavam persuadidos de que, se servissem corretamente ao Senhor, receberiam em vida os benefícios prometidos por Deus a seu povo, conforme descrito nos Salmos 128.1 e 27.13.

2.4 Samaritanos

Historicamente, são povos que habitaram a Samaria por ocasião do cativeiro assírio no Reino do Norte, e que foram ensinados a servir ao Deus de Israel na época do cativeiro assírio (2 Rs 17). Não é correto afirmar que eram todos descendentes de nações gentílicas, haja vista a afirmação da mulher em Jo. 4.12, sobre o Pai Jacó. Parece que, embora o cativeiro assírio tenha dispersado o povo de Israel, nem todos os israelitas saíram da terra, como registrado em 2 Rs 23.19 e 2 Cr 34.9⁵²; eles podem, inclusive, ter a ela retornado após o decreto de Ciro, como aconteceu com o povo de Judá.

Os samaritanos observavam unicamente as prescrições da Torah (Lei, ou Pentateuco), mas não aceitavam os outros escritos do Antigo Testamento. Não frequentavam o Templo de Jerusalém, e seu único lugar de culto era o monte Gerizim (ou Garizim), local onde Moisés determinou que fossem pronunciadas as bênçãos (Dt. 27.12, Js. 8.33), que ficava próximo a Siquém (atual Nablus), distante apenas alguns quilômetros de Samaria.

Eles formavam um grupo sincrético-israelita.⁵³ Pelo quanto se pode observar de João 4.25, eles esperavam a vinda de um messias que chamavam de Taeb (Aquele que volta), mas, diferentemente do aguardado pelos judeus, não seria um descendente de Davi, e, sim, um profeta maior que Moisés. Nos tempos do Novo Testamento, o nome tinha uma conotação mais religiosa do que racial ou política. O termo “samaritano” referia-se não apenas ao nacional de Samaria, mas também àqueles que praticavam os ritos religiosos das antigas Siquém e Samaria, e que defendia conceitos nitidamente diferentes do judaísmo (Mt 8.28; Jo 4.20), até porque

⁵² BRAKEMEIER, Gottfried. *Reino de Deus e esperança apocalíptica*. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 1984. p. 121.

⁵³ REICKE, Bo. *História do tempo do Novo Testamento: o mundo bíblico de 500 A.C. até 100 D.C.* Santo André: Academia Cristã, 2015. p.40.

não consideravam os ensinamentos dos Profetas, ao contrário dos descendentes de Judá. Criam, porém, na vinda do Cristo (Jo 4.29).

Jesus dá uma atenção diferenciada a esse grupo. Isso pode ser constatado quando ele envia os discípulos à cidade próxima para comprarem mantimentos (Jo 4.8), o que proporciona sua conversa a sós com uma mulher samaritana (Jo 4.27). Como resultado, ele ouve a profissão de fé dos samaritanos: “[...] nós mesmos temos ouvido e sabemos que este é verdadeiramente o Salvador do mundo” (Jo 4.42). Mesmo que esta declaração não tenha, por si só, não assegure que os samaritanos, naquela ocasião, tenham obtido a compreensão do ministério salvífico de Jesus e nem do conceito de “Reino de Deus”, após a ascensão de Jesus, muitos samaritanos, que também aguardavam a vinda do Messias, aceitaram Jesus como sendo o Cristo, o que pode indicar que o ministério aos gentios se iniciou em Samaria ainda antes de At 8.1, quando se inicia a propagação do evangelho a partir da perseguição gerada após a morte de Estêvão (At 8.1-17, 25; 9.31; 15:3).

2.5 Essênios

Apesar de o nome "essênio" não aparecer em nenhum manuscrito encontrado até agora, há consenso entre a maioria dos estudiosos em identificar um movimento religioso judeu com características peculiares quanto à observância da Lei e a rituais. Os essênios habitavam em várias localidades da Palestina, da Síria e do Egito, e constituíam comunidades autônomas, embora sejam mais identificados com a comunidade do Mar Morto, ou Qumran. Discorrendo sobre a amálgama que se deu na interpretação entre essênios e a comunidade de Qumran, assim reflete Boccaccini:⁵⁴ “A história da comunidade de Qumran pode não coincidir com a história do movimento essênio. Todavia, a meta de dar uma resposta satisfatória à identidade do movimento essênio e sua relação com a comunidade de Qumran está longe de ser alcançada.”

Sabe-se que esta comunidade surgiu no meio sacerdotal de Jerusalém, presumivelmente na época dos macabeus, e que pregava uma estrita observância à Lei de Moisés, conduzidas pelo Mestre da Justiça, sacerdote fundador da comunidade. Criam numa vitória a ser concretizada no final dos tempos contra os

⁵⁴ BOCCACCINI, Gabriele. *Além da hipótese essênia*. A separação dos caminhos entre Qumran e o judaísmo enóquico. São Paulo: Paulus, 2010. p. 51.

filhos das trevas e a restauração do culto legítimo, trazendo consigo um tempo de salvação. A comunidade mantinha-se sob uma fidelidade inabalável das interpretações da lei de Moisés. Para eles, o Mestre da Justiça era um homem dotado por Deus do dom do conhecimento e da interpretação das escrituras, e era qualificado para conduzir as pessoas ao arrependimento, realizando sobre o povo um papel sacerdotal, guiando-os na lei da pureza.

Através dos manuscritos do Mar Morto, descobriu-se que os essênios de Qumran eram rigorosos nas realizações de seus rituais, como por exemplo: tomavam “*banhos rituais regulares*”, na esperança de estar conservando sua pureza, fator essencial para o encontro com o Senhor. Realizavam regularmente um “*banquete messiânico*”, como celebração da salvação de seu povo. Os bens e trabalhos eram comunitários. Com relação ao celibato, Josefo afirmou que havia dois grupos distintos, onde num era aceito o casamento e noutro, não. Já Crossan⁵⁵ traz informações mais precisas constantes do Manual de disciplina (DSST 126), afirmando que o Manual “[...] legisla especificamente sobre o casamento para quem cresceu na comunidade”. É crível, portanto, que nem todos os essênios praticavam a abstinência, pois foram descobertos cemitérios secundários de essênios com corpos de mulheres e crianças, e lugares separados para enterrar os do sexo masculino.⁵⁶

Podem ser observadas algumas similaridades entre os escritos essênios e os do Novo Testamento, como, por exemplo, a forma como tanto os textos do Novo Testamento como os dos essênios utilizam as escrituras judaicas para amparar suas crenças; o dualismo luz/trevas presentes no evangelho e nas cartas de João; A vinda do Messias, embora, entre os essênios, o Messias estaria subordinado ao descendente de Arão, o sacerdote. Outro ponto relevante em comum é a crença num Deus intimamente envolvido com os assuntos humanos.

Além disso, a doutrina dos Dois Espíritos encontrada no Manual de Disciplina dos essênios muito se assemelha a algumas passagens do Novo Testamento sobre Satanás. De acordo com esse manual, as almas humanas são guiadas por dois seres espirituais ou anjos: o Espírito da Luz tenta guiar a humanidade pelos caminhos da equidade e é quem governa sobre todos os indivíduos justos, já o Espírito das Trevas, influencia as pessoas a agirem

⁵⁵ CROSSAN, John Dominic. *O nascimento do Cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 491.

⁵⁶ VERMES, 1996, p. 142.

iniquamente e tem total domínio sobre os iníquos. Este papel no Novo Testamento é atribuído ao diabo.

Entre os vários escritos encontrados em Qumran, é possível destacar alguns que guardam alguma semelhança com o discurso de Jesus: No *Rolo de Guerra* é relatada a luta entre os filhos da luz liderados por Miguel, e os filhos das trevas liderados por Belial; o rolo denominado “O Messias Perfurado”, que descreve uma figura messiânica, geralmente identificada como o Príncipe da Congregação, aparece agindo como salvador. Seu papel era liderar as tropas de Israel na batalha contra as nações e recuperar a glória nacional de Israel. Um papel mais ou menos semelhante é atribuído a Jesus no Novo Testamento - em sua segunda vinda (Mt. 24, Ap 9).

Na Caverna 4, a mais famosa e mais significativa das cavernas do Mar Morto, foram encontrados escritos que relatam a figura de um indivíduo virtuoso que poderia redimir os pecados do outro através do seu próprio sofrimento, como o servo sofredor de Isaías (Is 52 e 53). A partir desses manuscritos, descobriu-se que os essênios de Qumran eram rigorosos nas realizações de seus rituais, como o dos *banhos*, que serviriam para promover sua pureza para o encontro com o Senhor; e a realização regular de um “*banquete messiânico*”, como evocação da futura salvação de seu povo, o que pode, sem grande rigor, sem comparado com a Ceia do Senhor, que evoca o retorno de Jesus.

Outra semelhança é guardada não com Jesus, mas com a comunidade primitiva apostólica, qual seja, o compartilhamento dos bens e das refeições. Os essênios prezavam pelas refeições coletivas e pela participação de todos na partilha dos bens. Segundo Boccaccini, “Eles não compram, nem vendem nada entre si mesmos; mas cada um oferece o que tem para quem quer que necessite e recebe irrestritamente de volta o que quer que requeira”.⁵⁷ Nesse ponto, assim anota Atos 4.32: “Da multidão dos que creram era um o coração e a alma. Ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das coisas que possuía; tudo, porém, lhes era comum”.

Quanto ao modo de vida, tais como as refeições e a vida financeira, as práticas lembram muito aquelas de Atos 2.42-46, que revelam o modo de vida comunitário, que noticia que todos os creram estavam juntos e tinham tudo em

⁵⁷ BOCCACCINI, 2010, p. 58.

comum, e que vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade.

Com isso, pode-se deduzir que, de fato, vários ensinamentos essênios participaram de alguma forma do pensamento cristão. Isso não significa que os apóstolos tenham sido essênios, ou que ensinavam sua doutrina. As similaridades apenas indicam que muito do pensamento essênio foram corroboradas por Jesus e pelos apóstolos. Ratificam esse entendimento as palavras de Bo Reicke⁵⁸:

Embora alguns estudiosos sejam de opinião de que nem semelhança havia entre um e outro grupo, parece certo afirmar, portanto, que é possível admitir, não sem critério, alguma semelhança entre o movimento de Jesus e os essênios, sem, contudo, lhes atribuir dependência.

2.6 O judaísmo Galileu e o movimento de Jesus

O “Movimento de Jesus” ocorreu no período em que Jesus iniciou seu ministério em Caná da Galileia até o momento em que ele foi assumpto ao céu, e que durou cerca de três anos e meio.

Deve ser considerada com especial atenção a comunidade da Galileia, haja vista que foi nessa localidade que se deu a formação de Jesus e de seus discípulos. A região da Galileia tinha maior densidade populacional que a da Judeia e a da Samaria. Diferentemente dos letrados e aristocráticos que compunham a comunidade de Jerusalém, a comunidade da Galileia concentrava o maior número de camponeses rudes e religiosamente insignificantes, mesmo que a religiosidade fosse traço marcante do povo.

Era na Galileia que mais fervilhavam os movimentos revolucionários que se insurgiam contra os dominadores, quer nacionais, quer estrangeiros. As esperanças messiânicas encontravam terreno fértil como resposta à sua realidade de quase párias em relação a Jerusalém e ao judaísmo do Templo. Muitos movimentos reacionários surgiam ali (Lc 13.1,2; At 5.37), e, com muito mais razão, a libertação de Israel do jugo estrangeiro era aguardada como cumprimento das promessas divinas.

⁵⁸ REICKE, Bo. *História do tempo do Novo Testamento: o mundo bíblico de 500 A.C. até 100 D.C.* Santo André: Academia Cristã, 2015. p. 183.

Por ser uma região continuamente sujeita a interesses dos governantes nos tempos do AT, não é possível afirmar se a região não era do domínio sírio desde o rei Asa, de Judá, e Baasa, de Israel, conforme descrevem 1 Reis 15.16-21 e 2 Reis 10.32,33, que demonstram a invasão síria, embora parte dela tivesse sido recuperada posteriormente por Jeroboão II (2 Rs 14.25-28). Essa parte da história é importante para demonstrar a formação do povo daquela terra, que permaneceu sob o domínio e influência do regime sírio antes que o império assírio dominasse.

O detalhe praticamente determina a formação religiosa na região, pois não teriam sucumbido ao cativo assírio e, sendo assim, “[...] então houve certa continuidade da população israelita nos tempos dos gregos e dos romanos, com um número considerável dos galileus do tempo de Jesus e dos rabis sendo descendentes dos israelitas precedentes, mas não necessariamente judeus.”⁵⁹ Por outro lado, o livro de Macabeus relata o repatriamento dos judeus que moravam na Galileia e em Arbates (I Mac 5.16-23).

É necessário ponderar ainda sobre os escritos de Josefo quanto ao domínio asmoneu sobre os galileus e os itureus, e a imposição de ser feita a circuncisão, porque, se os galileus, ou muitos galileus, compartilhavam a herança religiosa, não haveria a necessidade de impor a circuncisão, a menos que, com o decorrer do tempo e da distância cultural-religiosa, esta tivesse sido relegada ao abandono. Isso, entretanto, não teria a capacidade de comprovar ser a Galileia povoada só por gentios.

Com efeito, a Galileia era um lugar multirracial (indivíduos de grande diversidade racial habitando a mesma localidade), e isto não pode ser confundido com miscigenação racial (resultado da mistura de raças, através de casamentos entre etnias diferentes e conseqüente geração de filhos miscigenados). Essa pluralidade adveio muito do cativo assírio ocorrido por volta de 722 a.C. Estudos arqueológicos mais recentes indicam que é precipitado pensar num caldeamento de toda a região do Reino do Norte, apesar do relato de 2 Reis 15.29, isto porque foram encontrados peças que revelam a presença israelita na região, e que apenas Samaria teria sido, sim, totalmente repovoada.

Tal fato demonstra que ali continuou a ser praticada a mesma religião do Reino do Sul, embora com as corrupções religiosas adquiridas com o culto misto

⁵⁹ HORSLEY, 1995, p. 28.

desde a divisão do reino, que culminou no cativo assírio, embora Freyne⁶⁰ pondere sobre diverge desse entendimento porque para ele, que também discordado entendimento segundo o qual “Escavações sugerem ter havido uma perceptível quebra no padrão de povoamento da Galileia do século com indicações de um processo de povoamento VII ao V a.C”.

Contudo, não é possível ignorar que a Galileia já fazia parte território de Israel desde os tempos de Josué. Eram israelitas, como os da tribo de Judá, separados desde a divisão do reino, mas que professavam a fé em Yahveh e seguiam os preceitos da Torah e dos escritos judaicos, ou então eram nascidos na Judeia e que ali fixaram residência, embora alguns autores afirmem que a Galileia era um lugar apenas de gentios, pois, conforme explica Taylor⁶¹, “[...] a Galileia rural foi colonizada por judeus de observância altamente tradicional que se voltavam para Babilônia além de Jerusalém. [...] Foi esse o ambiente de Jesus e seus primeiros discípulos; foi também esse ambiente que mais tarde abrigou importantes escolas rabínicas que posteriormente produziram a Mixná”.

Embora mais rica e mais fértil, a Galileia das nações, ou dos pagãos, ou dos gentios (Mt 4.15) era vista com menosprezo pelos habitantes da Judeia, que a viam como inferior no aspecto religioso, conforme se depreende do diálogo entre Natanael e Filipe: “De Nazaré pode sair alguma coisa boa?” (Jo 1.46); e entre Nicodemos e os fariseus: “Examina e verás que da Galileia não se levanta profeta.” (Jo 7.52). O comentário desdenhoso pode evocar o movimento de Teudas e seus quatrocentos seguidores (At 5.36), ou o de Judas, o Galileu, líder dos Zelotas, que se insurgiu contra o recenseamento romano que tinha a finalidade de levantar os recursos do país para a taxação de impostos.

Mas na Galileia havia também fariseus e escribas, ainda que Horsley sugira que os mestres religiosos não se importavam com a região. As sinagogas que foram descobertas nas escavações demonstram a religiosidade dos galileus, e seu apego à lei de Moisés e aos escritos sagrados. Sobre isso, Horsley afirma que “[...] temos material precioso de pequena fonte para o que os fariseus ensinavam, e praticamente a única descrição que temos deles atuando regularmente na Galileia está nos Evangelhos cristãos”.⁶²

⁶⁰ FREYNE, 2008, p. 15

⁶¹ TAYLOR, Justin. *As origens do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 23.

⁶² HORSLEY, 1995, p. 16-17.

A grande chance de conhecer melhor aquela seria através de Flávio Josefo, embora Chevitarese e Cornelli⁶³ o vejam como uma fonte problemática, porque “A sua posição política e os interesses ideológicos que emergem claramente dos seus textos o tornam uma testemunha nem sempre confiável, apesar de indispensável”. Ele viveu ali no período em que foi designado pelo Sinédrio para governar militarmente a Galileia e combateu os romanos na cidade de Jotapata até que Vespasiano tomou a cidade.

Josefo, porém, pouco discorreu sobre o povo e nada relatou sobre a religião (ou religiões) ali praticada. Havia, entretanto, a crença judaica no meio do povo da Galileia, não uniforme, naturalmente, pois nem na Judeia era assim. Ao falar sobre Jesus, lhe dedica umas poucas palavras, mas nada refere sobre o Movimento de Jesus, ao contrário do que faz com os fariseus, os saduceus e os essênios⁶⁴. Existem várias menções sobre os fariseus no território galileu, pois em várias pregações Jesus fazia menção deles.

Segundo Horsley,⁶⁵ havia vários movimentos messiânicos na Palestina do primeiro século, formados em sua maioria por camponeses. Eles estavam centrados na espera de um rei carismático, mesmo que humilde, até porque as ditas famílias “distintas” deviam sua posição a Herodes ou colaboravam de alguma forma com o regime herodiano-romano. Em três desses movimentos, os pretendentes reais eram homens de origem humilde. As revoltas ocorriam em várias regiões do país, exceto em Jerusalém. Muitos agregavam a si bandos armados. “O objetivo principal desses movimentos era derrubar a dominação herodiana e romana e restaurar os ideais tradicionais de uma sociedade livre e igualitária.”⁶⁶

Em meio a tantos grupos religiosos e aos vários movimentos messiânicos populares existentes na época, convém analisar o Movimento de Jesus, pois é de suma importância para conhecer os ensinamentos que nortearam a fé da comunidade primitiva.⁶⁷

⁶³ CHEVITARESE, André L. Gabriele, CORNELLI. Judaísmo, Cristianismo e Helenismo. Ensaio acerca das interações culturais no Mediterrâneo antigo. São Paulo: Fapesp; Annablume, 2007. p. 44.

⁶⁴ JOSEPHUS, Flavius. *The essential writings*. A new translation by Paul L. Maier. Grand Rapids, MI: Kregel Publications, 1988. p. 264-265.

⁶⁵ HORSLEY, Richard A.; HANSON, John S. *Movimentos populares no tempo de Jesus: Bandidos, Profetas e Messias*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 109.

⁶⁶ HORSLEY, 1995, 109.

⁶⁷ Seguindo o entendimento de Gass, são as comunidades formadas desde a morte e ressurreição de Jesus até a redação do último escrito do NT, até no máximo 130 d.C. Esse tempo é dividido em três etapas: A primeira é a época apostólica, formada pelos que conheceram Jesus ou que aderiram a ele, entre 30 até em torno de 67 d.C.; a segunda é a época subapostólica, que vai de mais ou

Apesar de ter nascido em Belém da Judeia (Lc 2.1-7), seus pais já moravam em Nazaré da Galileia antes de seu nascimento (Lc 1.26); ali ele foi criado (Mt 2.23, Lc 2.39, 40), e ali residia (Mt 13.36, Mc 9.33), diferentemente de João Batista, que, apesar do parentesco próximo, nasceu e viveu sempre na Judeia (Lc 1.39, Mt 3.1). Era um movimento organizado: tinha um líder, uma doutrina e um grupo de seguidores. O movimento de Jesus atraía pessoas de todas as partes: além da própria Galileia, ainda Judeia, Idumeia, e as cidades de Tiro e Sidom, da região siro-fenícia.

Ainda que fosse o líder de um movimento marginal, Jesus ensinava nas sinagogas (Jo 18.20) e no templo (Mt 21.23; 26.55), e tinha um grupo de seguidores que aceitava seus ensinamentos (Mc 1.22, Lc 4.31-33). Esse grupo era composto em sua maioria por camponeses galileus pobres, como acontecia com outros movimentos semelhantes, que não deviam ser frequentes ao templo e às sinagogas. Não era benquisto pelos líderes religiosos, mas sua autoridade no ensino era inquestionável (Mt 7.29; Mc 1.22).

Jesus não era iletrado e socialmente desprivilegiado, como afirmam alguns, como o faz Crossan,⁶⁸ porque os carpinteiros faziam parte da classe média, assim como os fariseus, embora ele demonstrasse profunda compaixão pelos pobres. Segundo Nolan⁶⁹, “Os profissionais, comerciantes e artesãos, como os carpinteiros e pescadores, eram ‘respeitáveis’ e pertenciam à classe média. Os fariseus, os essênios e os zelotas eram todos gente instruída da classe média”.

Há, de fato, indícios na Bíblia que indicam não ser Jesus um camponês rude. Ele era uma pessoa instruída no seu tempo e tinha uma situação financeira confortável, embora, durante seu ministério, pareça ter abandonado a profissão. Por outro lado, releva notar que o ensino na sinagoga se fazia a partir da leitura de um texto dos rolos das Escrituras Sagradas e com Jesus não era diferente: “Indo para Nazaré, onde fora criado, entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o seu costume, e levantou-se para ler. Então, lhe deram o livro do profeta Isaías, e, abrindo o livro, achou o lugar onde estava escrito [...]” (Lc 4.16,17).

menos 67 até por volta de 97 d.C.; e a terceira é a o período pós-apostólico, a partir de 97 d.C. GASS, Ildo Bohn. *Uma introdução à Bíblia*. As comunidades cristãs da primeira geração. São Paulo: Cebi; Paulus, 2005. p.9-10.

⁶⁸ CROSSAN, 2004, p. 275, 276. Para ele, “Quase por definição, os camponeses são analfabetos.” “Portanto, para mim, Jesus era analfabeto até que o contrário seja comprovado.”

⁶⁹ NOLAN, 2010, p. 26.

Várias outras passagens, mostra Jesus ensinando nas sinagogas: “Percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo” (Mt 4.23). “E percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades” (Mt 9.35); “Depois, entraram em Cafarnaum, e, logo no sábado, foi ele ensinar na sinagoga” (Mc 1.21); “Declarou-lhe Jesus: Eu tenho falado francamente ao mundo; ensinei continuamente tanto nas sinagogas como no templo, onde todos os judeus se reúnem, e nada disse em oculto” (Jo 18.20).

Ainda pode ser acrescentado, em defesa dessa conclusão, o episódio de Jesus escrevendo no chão (Jo. 8.6, 8). Embora nada haja sobre algo escrito deixado por Jesus, isto não é razão para afirmar que ele não dominasse a linguagem escrita, porque, como era usual, prevalecia a oralidade, e grandes mestres daquela época, de igual modo, não deixaram nenhum legado escrito.

Jesus preencheu o requisito do rei carismático⁷⁰ que a esperança popular aguardava (tanto que em certa ocasião queriam proclamá-lo rei - Jo 6.15), pois seu ministério foi marcado, não apenas pela autoridade das palavras, mas também por manifestações carismáticas, com curas, exorcismos e milagres. Discorrendo sobre o tema, Voigt⁷¹ entende que há uma ligação clara entre as curas e a adesão ou seguimento. Adesão seria diferente de seguimento. Adesão seria o que se deu com Bartimeu, e seguimento simbolizaria mais um tipo de pertença, como o das mulheres que seguiam a Jesus por cidades e aldeias, conforme Lucas 8.1-3.

Para ele, os milagres geravam um tipo de dependência, que faria com que as pessoas continuassem a segui-lo, e, segundo seu parecer, para Lucas os milagres e as curas se constituiriam numa razão para o seguimento, que teriam inclusive influenciado sua atividade redacional. Haveria seis razões para isso: a) gratidão e compromisso, como Bartimeu; como reciprocidade no servir, como a sogra de Pedro, e outros com apoio financeiro, como em Lucas 8.1-3; b) medo de uma recaída, pois a cura não significava sempre uma libertação definitiva da enfermidade, a exemplo do relato de Mateus 12. 43-45 e Lucas 11. 24-25. “Se existe o perigo do retorno do demônio, o melhor lugar para dele se proteger é estando

⁷⁰ HORSLEY; HANSON, 1995, p.109.

⁷¹ VOIGT, Emílio. Contexto e surgimento do movimento de Jesus: as razões do seguimento. São Paulo: Loyola, 2014. p. 151.

próximo do exorcista⁷²; c) o reconhecimento dos atributos carismáticos de Jesus, requisito essencial para identificar o profeta e também para o rei que esperavam, conforme defende Horsley⁷³; d) expectativas messiânicas, como demonstra a pergunta “Quando vier, será que o messias fará mais sinais que este faz?”, feita em Jo 7.31; e) a impossibilidade de reintegrar-se novamente à família ou à sociedade, embora o próprio Jesus despedisse o beneficiado e o mandasse de volta à família, à sociedade e à comunidade do culto.

Entretanto, apesar da ênfase dos evangelhos sinóticos sobre os milagres realizados por Jesus, deve ser considerado que muito de seu legado foi transmitido através do ensino e também do anúncio, como no evangelho de Marcos⁷⁴. Não se trata aqui, de dizer qual era sua principal atividade, porque aí não poderiam ser ignorados as curas e os milagres. Mas, se Jesus estava preparando seguidores para dar continuidade ao seu movimento, é certo que eles deveriam ser muito bem instruídos a respeito.

Foi através do ensino, ministrado em sua maioria na Galileia, que Jesus instruiu aqueles que seriam os líderes de sua causa. Ele falava em público, mas ministrava em particular a seus discípulos mais próximos (Mc 4.34; Lc 10.23). Há várias referências aos seus ensinamentos em na Judeia, como, por exemplo, em João 3.22.

Em Jo 18.20 é Jesus quem afirma que ensinou nas sinagogas e no templo. Nesse caso, não cabe pensar em outro lugar senão Jerusalém, na Judeia, por causa da menção ao templo. Em Lucas 23.1, 5 é a assembleia dos sacerdotes que afirma estar Jesus ensinando em toda a Judeia. Entretanto, em Lucas 4.44, apesar da menção às sinagogas da Judeia, há um claro equívoco, por parte de algum copista, porque o contexto diz respeito à Galileia, mais precisamente às proximidades de Cafarnaum, conforme Marcos 1.21, 38, 39. Curiosamente, em Betânia, cidade dos amigos Lázaro, Marta e Maria, não há referência a ensinamentos, e só a um milagre, a ressurreição de Lázaro. Parecia um lugar de repouso do Mestre.

Jesus não começa seus ensinamentos a partir do nada. Seu discurso deixa clara a defesa da Lei: “Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir” (Mt 5.17). Esse cumprimento da Lei traz novas

⁷² VOIGT, 2014, p. 155.

⁷³ HORSLEY; HANSON, p. 109.

⁷⁴ VOIGT, 2014, p. 147.

interpretações, e até aglutinações, como por exemplo, os dez mandamentos: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo.” (Lc 10.27); abonou a prática do dízimo (Mt 23.23); referendou o batismo nas águas para arrependimento (Lc 3.21); exerceu misericórdia para com os enfermos, pobres, rejeitados socialmente; atendeu as necessidades espirituais dos mais abastados, sem diferenciar entre uns e outros.

Jesus também desobrigou seus seguidores das leis cerimoniais (Mc 7.14-23), apresentando uma forma diferente de servir a Deus, até então desconhecida do rigor mosaico: “Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade” (Jo. 4.24). Como profeta, ele anuncia a destruição de Jerusalém - vossa casa ficará deserta -; e sua restauração: – até que venham a dizer: bendito o que vem em nome do Senhor! – (Mt 23.37-39), mas essa restauração tinha uma nova perspectiva: Era chegado o reino de Deus (Lc 11.20); mas ainda viria, estava próximo (Lc 10.9). É um lugar para entrar (Lc 18.24), mas também está dentro de nós (Lc 17.21); não vem com aparência visível (Lc 17.20), mas pode ser visto (Jo 3.3).

Veio como Libertador (Lc 1.71, Jo 8.36), mas não afrontou claramente o império romano que subjugava a nação; pelo contrário, pagou-lhe tributo (Mt 12.21). Se o disse, não o fez claramente como seus antecessores, nem conclamou o povo a pegar em armas⁷⁵. Tal afirmação não significa, contudo, que havia uma submissão ao império opressor. Desse modo, segundo Voigt, apesar de Jesus estar pregando o amor ao inimigo, os discípulos de Jesus estavam sendo encorajados a desenvolver um modelo de ação que se insurgia contra a injustiça opondo a violência à contraviolência, de modo a que o outro se sentisse constrangido a agir da mesma forma, o que não era característica exclusiva do movimento de Jesus porque, conforme menciona, Josefo relata dois outros movimentos tinham a mesma performance, em que “ [...] reivindicação política e resistência por meio de demonstrações sem violência eram possíveis e podiam ser bem sucedidas.”⁷⁶

⁷⁵ “Impostores e demagogos, sob o pretexto de inspiração divina, provocaram ações revolucionárias e impeliam as massas a agir como loucos. Levavam-nos ao deserto onde Deus lhes mostraria sinais de iminente libertação [...] Pois diziam que manifestariam sinais e milagres realizados de acordo com o plano de Deus.” (HORSLEY; HANSON, 1995, p.145).

⁷⁶ VOIGT, 2014, p. 335.

Jesus se identificou com cada um em sua área de carência, sem julgamento a respeito de uns ou de outros; comeu com pecadores (Mt 9.11) e com religiosos (Lc 7.36); com pessoas de posse (Lc 11.37, 14.1) e com os menos favorecidos, se se considerar que a multidão era em sua maioria pobres (Mt 14.13-21). Sua mensagem não era eclética, multifacetada, mas, sim, universal, e servia de igual modo para o coletor de impostos e para o mestre da lei.

Mas por que Lucas diz que ao pobre é dado o Reino de Deus (Lc 6.20)? Segundo Bull⁷⁷, Lucas teria escrito aos gentios de Antioquia, o mesmo local dos destinatários de Mateus, embora para uma audiência diferente; Mateus, um judeu cristão e que escreve para judeu-cristãos⁷⁸, menciona a fala de Jesus, na mesma ocasião, aos humildes de espírito (Mt 5.3). Haveria tamanha discrepância entre os evangelistas, ou a interpretação seria coerente para uma e outra comunidade e transmitiria a mesma mensagem?

Ao anunciar o Reino de Deus, Jesus o identificou com o povo, especialmente o povo pobre⁷⁹. A palavra “pobre”, ali, não estava em oposição a “rico”, porque nos tempos do Novo Testamento, a palavra “rico” ou “abastado” significava, de modo geral, “avarento” e “ganancioso”, enquanto “pobre” está mais ligada a pessoas que não conseguiam manter sua honra ou dignidade – os economicamente desfavorecidos, os revolucionários, os sicários, os estrangeiros⁸⁰.

Assim, o evangelho de Jesus se traduz em amor aos necessitados, pobres e culpados. A política pacífica de Jesus conquista o povo derrotado e o transforma em conquistador, não com armas, mas pela transformação de vida. E é assim que o humilde, o pobre é aquele que recebeu o Reino de Deus e deixou de ser avarento, de ser opressor, e passou a compartilhar os anseios da comunidade, como Zaqueu, muito provavelmente (Lc. 19.8).

Pensar muito diferente disso seria talvez desconsiderar o anúncio do próprio Jesus no qual Deus amou o mundo de tal maneira que Deus seu filho unigênito (Jo 3.16), que são as boas novas oferecidas a todos, o projeto de uma salvação que prometia um novo reino, porque “O meu reino não é desse mundo” (Jo 18.36), ou, como disse Paulo, “Se nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida,

⁷⁷ BULL, Klaus-Michael. *Panorama do Novo Testamento: história, contexto e teologia*. São Leopoldo: Sinodal, 2009. p. 15.

⁷⁸ BULL, 2009, p. 15.

⁷⁹ RICHARD, 1999, p.23.

⁸⁰ MALINA, Bruce. *O Evangelho social de Jesus*. O Reino de Deus em perspectiva messiânica. São Paulo: Paulus, 2004.

somos os mais infelizes de todos os homens” (1 Co 15.9). O reflexo dessa atenção de Jesus sobre todos os seres humanos pode ser visto, de certa forma, na declaração de Paulo em Tito 2.11: “Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens”.

Jesus se portou como o líder carismático que o povo judeu aguardava. Ele anunciou de diversas formas o Reino de Deus: através da proclamação, da pregação, do ensino e das curas e milagres. Entretanto, no cerne do Movimento de Jesus está o mistério da ressurreição, e esta intrinsecamente ligada ao Reino de Deus que é chegado e aquele que está por vir.

A ressurreição, assim como no livro do profeta Daniel (Dn 12.2), trará benefícios e malefícios (Mt 25.31-46), mas com uma peculiaridade: no discurso de Jesus, ela diz respeito exclusivamente ao “Reino de Deus”, e não ao reino de Israel, como se esperava. Essa ressurreição seria possível através dele próprio: “Eu sou a ressurreição e a vida” (Jo. 11.25). Com sua própria ressurreição (Mc. 14.28), abriu caminho para uma ressurreição definitiva do ser humano, que afastaria de vez a morte, pois, diferentemente da vida que ele devolvera a Lázaro, era agora doada a vida eterna (Jo. 10.28). Com a vinda do Reino de Deus, ele proporcionou um novo relacionamento com o Deus de Israel: agora, era o Pai, e não apenas o Ser divino (Mt 6.9).

Com a morte de seu líder, o que chamamos de “Movimento de Jesus” deveria seguir o curso normal de outros movimentos de sua época e extinguir-se. Não é possível precisar se era conhecido por esse nome na Palestina do primeiro século. É certo, porém que no período logo após sua morte, era chamado de Caminho (At 19.9) e seita do nazareno (At 24.5). Analisando-se os dados disponíveis no período formativo intertestamentário e nos evangelhos, é possível deduzir que ele deixou concluído seu arcabouço doutrinário, como indica Mateus 28.19: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado”.

E é assim que vemos no livro de Atos, com os apóstolos dando continuidade ao movimento de Jesus, que confiou a eles o reino que lhe foi confiado pelo Pai (Lc 22.29), e não há dúvida que os ensinamentos recebidos durante o movimento de Jesus foram a base do que foi conhecido posteriormente como cristianismo, como testifica, Justino, um filósofo convertido ao cristianismo no início do II século:

Para afastar as pessoas de nossos ensinamentos, outros brandirão contra nós o argumento desarrazoado de que afirmamos que Cristo nasceu há 150 anos, em tempos de Quirino; que *ensinou*, em tempos de Pôncio Pilatos, a doutrina que lhe atribuímos; e criticar-nos-ão, pois, dizendo que não levamos em consideração todos os que nasceram antes de Cristo. Convém que desfaçamos essa dificuldade. [2] Temos aprendido que Cristo é o primogênito do Pai, e acabamos de explicar que ele é a razão (o Verbo), da qual participa toda razão humana, [4] e aqueles, pois, que vivem de conformidade com a razão⁸¹ são cristãos, muito embora sejam reputados como ateus. Assim Sócrates e Heráclito entre os gregos e, como eles, muitos outros⁸².

Jesus formou pessoas que teriam como função proclamar sua mensagem e ensinar a guardar todas as coisas que ele ordenara (Mt 28.20). Será analisado, então, no capítulo seguinte, se e como foram repassados os ensinamentos de Jesus; como se desenvolveu a comunidade primitiva com os ensinamentos apostólicos; quais os desdobramentos dos temas “Reino de Deus” e “Ressurreição” na comunidade apostólica, e os primeiros indícios de normatização do cristianismo como movimento consequente ao Movimento de Jesus.

⁸¹ Razão: Verbo, Palavra.

⁸² BETTENSÓN, H. (Ed.) *Documentos da igreja cristã*. São Paulo: Haste, 2011. p. 31.

3 A DOCTRINA DOS APÓSTOLOS: CONTINUAÇÃO DOS ENSINOS DO MOVIMENTO DE JESUS

Não é possível precisar quando o movimento de Jesus deixou de ser conhecido como uma seita judaica e a partir de quando seus seguidores passaram a ser chamados de cristãos na Judeia, na Galileia e em Samaria. É provável, até, que nessas regiões essa terminologia nunca tenha sido usada para as comunidades formadas por judeus. Pelos relatos bíblicos, a corrente de pensamento de Jesus era vista por Roma como uma seita proveniente do Judaísmo⁸³ conhecida por “Caminho” e “Seita do Nazareno”⁸⁴.

Logo no início de Atos, aparece a designação de “igreja” para o grupo. Entretanto, não é possível asseverar que eles logo se autodenominassem “igreja”, a exemplo de Atos 5.11; 8.1; 9.31; 11.22, entre tantos outros, porque o relato de Lucas data de fins do primeiro século, aproximadamente 80/90 d.C., muito tempo após o evento do Pentecostes. Paulo, principal personagem de Lucas, fala de “*ekklesia*” mais que qualquer outro. Aliás, segundo Coenan, foi especialmente Paulo quem formou esse conceito. Não significa, contudo, que antes dele não fosse utilizado esse nome, mas sim, que Paulo lhe deu forma. Para Guthrie, citado por Kistemaker, “Cada grupo veio a ser conhecido numa área local como *ekklesia*”.⁸⁵ Entretanto, Coenen e Brown divergem ao afirmarem que “Foi especialmente Paulo que formou este conceito, que foi desenvolvido em Ef e Cl num sentido cósmico específico.”

Apesar da declaração de Jesus em Mateus 16.18, a palavra “*ekklesia*” não define a continuação do movimento de Jesus. *Ekklesia* era uma palavra empregada para a convocação do exército, e, antes da tradução da LXX, “Era a assembleia dos cidadãos efetivos, e arraigava-se na constituição democrática, uma assembleia que tomava decisões fundamentais, políticas e judiciais”.⁸⁶ No AT grego, é traduzida como congregação, ajuntamento, assembleia, e é usada “[...] apenas quando se trata da assembleia do povo de Deus, caracterizada por sua resposta à chamada de

⁸³ STEGEMANN, Ekkehard W. STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo: Os primórdios no Judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Leopoldo: Paulus/Sinodal, 2004. p.368.

⁸⁴ TENNEY, Merrill C. *O Novo Testamento: sua origem e análise*. 3 ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 243.

⁸⁵ GUTHRIE, 1981 apud KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento: Atos*. Vol. 1. São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 2006. p. 43.

⁸⁶ COENEN, 2000, p. 985.

Javé.”⁸⁷ No NT, a palavra já estava absorvido por “synagoge”, e que passou a ter o cunho de assembleia cúltica judaica. Os seguidores de Jesus, após sua morte e ressurreição, após um tempo não determinado, passaram a denominar-se “ekklesia”, que era o agrupamento de fiéis convertidos.

Segundo Fabris⁸⁸, no que é acompanhado por Theissen⁸⁹, havia diferenciação na comunidade em Jerusalém: os hebreus e os helenistas: hebreus eram os de língua aramaica e helenistas os de fala grega⁹⁰. Já o nome “cristão”, que foi aplicado aos seguidores de Jesus em Antioquia, cidade pagã que se tornou o centro do Movimento de Jesus entre os gentios, ocorreu num momento posterior ao surgimento da comunidade de Jerusalém (At 11.26).

Ao se expandir o evangelho, principalmente em razão da perseguição sofrida por Estêvão, surgiu esse novo grupo. “Cristãos” seriam, portanto, o grupo formado por judeus predominantemente helênicos e pagãos convertidos ao evangelho de Cristo, e que encontrou ambiente mais propício para se desenvolver que a igreja-mãe. Tal se deve, em primeiro lugar, ao profundo apego religioso do povo judaico, contrário a novidades nesse aspecto, e, depois, porque logo a igreja em Jerusalém foi dispersa: menos de quarenta anos depois da morte de Jesus, a cidade foi destruída pelo general Tito, no ano 70 da nossa era, ocasião em que a igreja em Jerusalém foi dispersa. Com a dispersão, Jerusalém deixou de ser a referência no desenvolvimento da comunidade, embora os ensinamentos apostólicos tenham continuado a ser o esteio da fé no Jesus ressuscitado e demonstrado força nas cidades gentílicas.

Vejamos como se comportou, então, o Movimento de Jesus nos relatos do livro de Atos, e como os discípulos se desincumbiram da tarefa que receberam de continuar a obra de Jesus, ensinando todas as nações a guardar seus ensinamentos, conforme Mateus 28.19-20.

3.1 O livro de Atos

Primeiramente, quem eram os destinatários. O livro de Atos, embora relate fatos que dizem respeito também às comunidades da Judeia e Galileia, ele se dirige,

⁸⁷ COENEN, 2000, p. 989.

⁸⁸ FABRIS, Rinaldo. *Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1991. p.128.

⁸⁹ THEISSEN, Gerd. *O Novo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 38.

⁹⁰ FABRIS, 1991, p.128.

no entendimento de Fabris, principalmente às comunidades gentílicas⁹¹, o que poderia justificar a ausência de citação ao trabalho dos apóstolos a partir do capítulo 13. Kümmel⁹² conclui que Lucas a respeito da época apostólica, tanto para edificar os cristãos como para conquistar os pagãos”

Logo no início do livro, o escritor delimita o tema, que seria “as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar” (At 1.1), e as testemunhas para continuar sua obra. Não haveria um novo começo, mas uma continuação do que Jesus havia iniciado. Nesse mesmo sentido, Richard⁹³ esclarece que o livro de Atos reconstrói o movimento de Jesus depois de sua ressurreição e antes da institucionalização da igreja, ocorrida após o ano 70. Para ele, o movimento possui três características fundamentais: é um movimento animado pelo Espírito Santo, um movimento missionário e um movimento estruturado nas pequenas comunidades domésticas.

Os acontecimentos ali narrados situam-se após o ano 33 d.C., com a morte de Jesus, e findam-se por volta de 64 d.C, caso se correlacione o final abrupto do livro (28.30,31) à morte de Paulo, ocorrida naquele ano. Várias datas têm sido propostas, como a de Kistemaker, que situa Atos por volta de 62 d.C e 96 d.C.⁹⁴. Anderson⁹⁵ a coloca em uma data posterior a 63 d.C., mas não muito posterior, porque vários fatos relatados por Paulo estão ausentes do relato lucano. Broadus⁹⁶ sugere a data de 68 d.C., logo após a morte de Nero. Ele comunga com a corrente que afirma ter Paulo morrido nas mãos de Nero. Entretanto, causaria estranheza um ato tão recente e de tanta importância não ter sido relatada por Lucas. Já Brown⁹⁷ acredita que o desconhecimento demonstrado por Lucas pode ser justificado pelos períodos em que ele esteve separado do grupo. Para Brown, Lucas esteve ausente durante mais ou menos sete anos, quando teria ficado em Filipos cerca de sete anos (At 20.5), após a segunda viagem missionária. Contudo, é mais aceito atualmente,

⁹¹ FABRIS, 1991, p. 26.

⁹² KUMMEL, 1982, p. 205.

⁹³ RICHARD, Pablo. *O movimento de Jesus depois da ressurreição*. Uma interpretação libertadora dos Atos dos Apóstolos. São Paulo: Paulinas, 1999. p. 4.

⁹⁴ KISTEMAKER, 2006, p. 41.

⁹⁵ ANDERSON, James. *Comentário Ritchie do Novo Testamento: Atos*. Ourinhos-SP: Edições Cristãs. Pirassununga-SP: Shalom Publicações, 1999, 2v, 1999. p.17, 18..

⁹⁶ HALE, Broadus David. *Introdução ao estudo do Novo Testamento*. 3. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1989.

⁹⁷ BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 448.

inclusive por Brown, que o livro tenha sido escrito em cerca de 80-90 d.C., provavelmente em Éfeso⁹⁸, e é posterior às cartas paulinas, um período de 34 anos.

A seção “nós” aparece pela primeira vez quando Paulo está em Trôade (At 16.10), mas nem sempre significa que o autor do livro estava em companhia de Paulo, como revela Atos 20.13⁹⁹. A data de sua escrita e o conteúdo predominantemente paulino parece sugerir que Lucas escreveu a obra para apresentar a vida e a doutrina de Paulo, e, por esse motivo, a expressão “doutrina dos apóstolos” (At 2.42) poderia já se referir aos ensinamentos de Paulo¹⁰⁰. Todavia, o texto de Atos 4.32-35 parece referir-se ao Movimento de Jesus ainda no seu início, porque revela uma estreita comunhão entre eles: tudo lhes era comum e não havia quem passasse necessidades, porque vendiam tudo o que tinham e levavam aos apóstolos. O grupo guardava, nesse momento, muita semelhança com as comunidades essênias em relação à vida comunitária, mas que não perdurou por muito tempo, como se verá adiante.

Outro detalhe a ser observado, para uma análise do movimento, é que as citações do AT em Atos muitas vezes não parecem corresponder à referência feita sobre elas, porque foi utilizada a Septuaginta¹⁰¹, que difere do Texto Massorético adotado depois pelo cristianismo. Por exemplo, em Atos 13.22, Paulo invoca as passagens de 1 Samuel 13.14 e do Salmo 89.20, e que, à primeira vista, não parecem ter o alcance dado pelo apóstolo, que interpreta: “Achei Davi, filho de Jessé, homem segundo o meu coração, que fará toda a minha vontade”. Em 1 Samuel, por exemplo, o texto bíblico diz que “O Senhor buscou para si um homem que lhe agrada e já lhe ordenou que seja príncipe sobre o seu povo”, e no Salmo 89.20, “Encontrei Davi, meu servo; com o meu santo óleo o ungi.”

Como se percebe, Paulo amplia o alcance originário do texto para exaltar o rei Davi, atribuindo-lhe um coração segundo a vontade de Deus. É um recurso muito utilizado no relato de sagas, nas quais o herói é exaltado. O recurso linguístico não

⁹⁸ RICHARD, Pablo. *O movimento de Jesus depois da ressurreição*. Uma interpretação libertadora dos Atos dos Apóstolos. São Paulo: Paulinas, 1999. p. 3.

⁹⁹ *Nós, porém, prosseguindo, embarcamos para Assôs, onde deveríamos receber Paulo, porque assim nos foi determinado, devendo ele ir por terra.*

¹⁰⁰ MONASTÉRIO; CARMONA, 2000, p. 296.

¹⁰¹ Não há dúvida razoável sobre a existência de um compêndio de escritos considerados sagrados pelos judeus e que foram traduzidos em grego por setenta eruditos (LXX), embora o cânon judaico só fosse fechado mais tardiamente, no Concílio de Jâmnia, em cerca de 90 d.C., em época próxima a que foi fechado também o cânon cristão. O próprio Jesus citou as Escrituras, Moisés e os profetas (Lc. 24.27; Jo. 5.39).

corrompe o texto original, mas revela a forma de interpretação muitas vezes utilizada no NT. A esse respeito, Beale¹⁰² informa que havia uma tradição na qual se fez uma revisão da história de Israel, ocorrendo o uso do mesmo material em 1 Clemente 18.1.

O escritor de Atos não se ocupa com uma análise contextual. Seu foco é demonstrar o cumprimento das profecias. É dessa forma que Pedro identifica o derramamento do Espírito em Atos 2.16-18 com a promessa de Joel 2.28-32, e a ressurreição predita no Salmo 16.8-11, cumprida em Jesus (At 2.26,17), que foi ressuscitado antes que seu corpo se degradasse na morte. O autor também demonstra conhecimento sobre as Escrituras judaicas, deixando transparecer que os temas tratados eram assunto de domínio público (por exemplo, em Atos 4.11, que compara Jesus com a pedra angular referida nos Salmos 118.22 e 13.34-35, e a não corrupção do corpo de Jesus, como no Salmo 16.10), embora a conformação do antítipo ao tipo se devesse mais ao reconhecimento pessoal dos discípulos em relação a Jesus, que exatamente o ajustamento entre um e outro na Escritura. Ao aplicar, por exemplo, o Salmo 69.25,26 a Judas, os discípulos não estariam exatamente negando o que ocorreu aos inimigos do salmista, e, sim, equiparando ao que ocorrera de modo semelhante a Jesus.

À vista disso, talvez fosse mais adequado dizer que o propósito do livro fosse narrar os feitos dos apóstolos após a ressurreição de Jesus, como sugere o título, mas sim, o de demonstrar como se portou o Movimento de Jesus após sua ressurreição, demonstrando o cumprimento das promessas divinas acerca do Messias. Todas as “salvações” concedidas por Deus até então eram temporais, alcançavam os indivíduos em cada época, mas na pessoa de Jesus elas passam a ter um caráter definitivo, para todas as épocas, presente e futuras. O livro busca demonstrar, quer por citação, quer por alusão, quer por dedução, que o profeta Moisés teve o seu anúncio - “um profeta semelhante a mim” (Dt 18.15,18) - cumprido na pessoa de Jesus.

Não fora isso, o livro não se propõe a dar conhecimento sobre as atividades dos doze apóstolos. Isto porque a atuação de Pedro e de alguns dos apóstolos no livro de Atos somente é mais visível nos capítulos 1-13.12, pois, a partir de 13.13, os relatos dizem respeito quase exclusivamente a Paulo. Ou seja, quase metade do

BEALE, G. K. *Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2013. p. 729.

livro relata o desenvolvimento da igreja a partir das atividades dos primeiros discípulos na Judeia e cercanias, enquanto a última metade relata a igreja sob o ensino de Paulo, não se obtendo mais informações sobre as atividades dos demais. A intenção deste trabalho, desse modo, é identificar os ensinamentos apostólicos anteriores a Paulo, a fim de se obter uma visão mais ampla dos ensinamentos ministrados nas primeiras comunidades cristãs.

Primeiramente, quem era o grupo a quem foram dirigidos os ensinamentos de Jesus? Embora haja peculiaridades na escrita dos quatro evangelhos, pois cada um se destinava a uma comunidade específica e tinha propostas diferentes, aqui serão apreciados conjuntamente os relatos acerca do aparecimento pós-morte de Jesus apenas para comparar as informações contidas nos evangelhos.

O evangelista Lucas (24.33-53) informa que, ao retornarem de Emaús, os dois discípulos encontraram os onze apóstolos reunidos e “outros” com eles (v. 33). No evangelho de Marcos não é possível estimar a quantidade deles, pois há dois relatos distintos: no primeiro, Jesus aparece aos onze e censura-lhes a incredulidade, e no segundo já adentra direto na ascensão de Jesus, sem mencionar os que presenciaram o fato (Mc 16.14-20); Mateus mantém o ambiente da Galileia, para onde Jesus teria enviado os discípulos após sua morte, e, apesar de não citar a ascensão, faz referência ao mesmo público: os onze discípulos (Mt 28.7, 16-18). João cita os discípulos também na Galileia, mas, de igual modo, nada comenta sobre a ascensão.

Lucas é quem detalha o local (Betânia) e explica que havia “outros” entre os discípulos (Lc 24.33), embora a ascensão se dê num momento posterior (24.50). É também de Lucas a informação de que se tratava de galileus (At 1.11). Nenhum, porém, parece corroborar o relato de Paulo, que situa o público em cerca de quinhentas pessoas (1 Co 15.6). Deve-se atentar para o fato de que dificilmente quinhentas pessoas, em sua maioria galileus, conseguiriam se deslocar até Betânia, sem serem notadas pelos sacerdotes que haviam terminado de decretar a morte de Jesus, e pelo Império Romano, que havia autorizado a crucificação do agitador que tinha se declarado rei dos judeus.

Seria, portanto, mais provável que tivesse sido um grupo bem menor composto pelos discípulos, pelos amigos mais próximos e por seus familiares, um número próximo a cento e vinte pessoas, as mesmas que compuseram a assembleia que elegeu o novo apóstolo (At 1.15). Esse poderia ser também o grupo

descrito em Atos 2.1, e que foi orientado a permanecer na cidade até o cumprimento da promessa de Deus, segundo o relato de Lucas (Lc 24.49; At 1.4). A única dificuldade com essa quantidade de pessoas é que, segundo Atos 2.1,2, “estavam todos reunidos no mesmo lugar” quando um som “encheu toda a casa onde estavam assentados”.

O lugar era o mesmo em que foi celebrada a última ceia, da qual participaram apenas os apóstolos. Uma casa em Jerusalém, dentro do quadro social dos discípulos¹⁰³, dificilmente seria ampla o suficiente para acomodar um número tão elevado de pessoas assentadas, conforme o texto relata. Pode-se, então, inferir que o número não chegasse a tantos. Admitindo-se, contudo, como correta a informação, seriam estes, em menor ou maior número, os primeiros membros da comunidade primitiva, e destinatários dos primeiros ensinamentos apostólicos que deram continuidade ao movimento de Jesus.

Atos 2.1-41 relata que, após o discurso de Pedro, cerca de três mil pessoas foram batizadas. A expressão no grego pode ser traduzida para “como se (fossem) três mil”. Vemos adiante um número maior: cinco mil (At 4.4). A população de Jerusalém, no tempo de Jesus, chegava a vinte e cinco mil. Ou seja, se forem considerados como corretos os números apresentados, teria se convertido um quinto da população de Jerusalém em apenas duas inserções apostólicas. Não parece incorreto, portanto, supor que não tenha havido uma contagem literal dos convertidos, e que o número real era algo bem menor. O mesmo se aplica a Atos 6.7: “Crescia a palavra de Deus, e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos; também *muitíssimos* sacerdotes obedeciam à fé”. (grifo nosso)

Deve ser lembrado que, naquela oportunidade, o evangelho foi pregado por Pedro a judeus residentes em Jerusalém (At 2.5), e que o Movimento de Jesus não se tornou popular tão rapidamente, principalmente na Judeia, tendo em vista sua origem na Galileia, tanto que, num primeiro momento, o movimento passou despercebido ao império romano, que certamente não teria se agradado de saber que milhares de pessoas aclamavam o recém-morto como o Messias ressuscitado, proclamando as mesmas ideias pelas quais ele fora crucificado, e contando agora com uma legião de fiéis que de igual modo desafiava a supremacia de César.

¹⁰³ LOHSE, Eduard. *Contexto e Ambiente do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 137.

Kümmel¹⁰⁴ expõe que o império não estava interessado naquele movimento, e que, por isso, deve-se deduzir que ali não havia um grande público. É mais razoável, portanto, entender o quantitativo relatado como hipérbole que estaria designando uma pequena multidão, como parece indicar Atos 5.13: “[...] dos restantes, ninguém ousava ajuntar-se a eles; porém o povo lhes tributava grande admiração”.

Já a expressão: “perseveravam na doutrina dos apóstolos”, de Atos 2.42, não parece se referir aos três mil convertidos a que se refere o versículo anterior, e sim, à “comunidade primitiva”, personagem do primeiro capítulo de Atos, não muito mais de duzentas pessoas. É ela o alvo do ensino apostólico. Parece corroborar nesse sentido a informação de que eles mantinham comunhão entre si, partiam o pão de casa em casa e tinham tudo em comum (At 2.44), o que aponta mais para uma pequena comunidade, como descreve Richard:

O movimento de Jesus depois de sua ressurreição e antes da institucionalização da Igreja estrutura-se em pequenas comunidades domésticas. Todo o livro possui uma dinâmica que parte do Templo e chega à casa. A formação de pequenas comunidades é o que faz com que a Palavra se faça presente nas cidades e nas culturas. A pequena comunidade é o lugar onde se mantém vivo o ensinamento dos apóstolos (a memória de Jesus) e onde se vive a *koinonia* (eles tinham tudo em comum), a *diakonía* (não havia pobres entre eles) e a Eucaristia (At 2,42-47). Essa reconstrução do movimento de Jesus como construção de comunidades domésticas será a terceira chave fundamental para interpretar o livro de Atos.¹⁰⁵

Como se vê, muitas coisas reforçam a suposição de que os cristãos não formavam um grupo muito grande no início, apesar do relato de três mil convertidos no capítulo 2. Um indício de que eles não eram tantos é que, quando começaram a crescer em número, as viúvas helênicas começaram a ser negligenciadas na distribuição diária, tornando-se, então, necessária a instituição dos diaconos (At 6).

A comunidade era formada por um grupo heterogêneo, que agregava pessoas de diferentes condições sociais, religiosas, políticas e étnicas. É assim que vemos pessoas com posse, como Barnabé, Ananias e Safira (At 4.36, 37; 5.1) e outros extremamente pobres (At 6.1), que necessitavam de donativos de alimentos para sobreviver. Num primeiro momento, repartiam tudo entre si, praticando a divisão comunitária de bens, situação que parece não haver perdurado por muito

¹⁰⁴ KUMMEL, 1982, p. 205.

¹⁰⁵ RICHARD, 1999, p. 7.

tempo, como se depreende quando da coleta de donativos empreendida por Paulo para socorrer os irmãos da Judeia (At 11.27-30). Com referência ao arcabouço formativo da opinião dos primeiros cristãos, o material utilizado para os ensinamentos apostólicos foram a tradição oral dos ensinamentos de Jesus e as Escrituras judaicas.

É de notar que as cartas e epístolas só passaram a circular algumas décadas após a morte de Jesus. Mesmo se considerada a contribuição paulina, que orienta grande parte da doutrina cristã, deve também ser lembrado que o apóstolo só entrou no cenário pelo menos uma década depois do início da igreja em Jerusalém, e seus ensinamentos foram dirigidos exclusivamente à igreja gentílica. Não que seus ensinamentos fossem recusados pelos demais apóstolos, pois Pedro até menciona os ensinamentos de Paulo acerca da longanimidade do Senhor (2 Pe 3.15). Entretanto, eles são bastante posteriores ao contexto da igreja nos primeiros capítulos do livro de Atos.

Por tais razões, este estudo dedica-se principalmente aos acontecimentos narrados nos capítulos 1-13.12, nos quais a atuação de Pedro e dos demais discípulos é mais notória, já que, a partir de Atos 13.13, o relato diz respeito quase exclusivamente ao apóstolo Paulo. Ou seja, quase metade do livro relata o desenvolvimento da igreja a partir das atividades dos primeiros discípulos, enquanto a última metade relata a igreja sob o ensino de Paulo, praticamente desaparecendo o restante dos apóstolos.

Kümmel¹⁰⁶, embora concorde com a divisão do livro em duas partes, prefere aceitar duas linhas divisórias diferentes: Atos 1.15 a 15.35, que relataria a expansão do evangelho a partir de Jerusalém até a consolidação da missão entre os gentios, e Atos 15.36 a 28.31, expansão do evangelho até Roma. Particularmente, a defesa fica um tanto prejudicada, porque nessa segunda seção, que levaria até Roma, não é mencionado nenhum dos demais discípulos. Ou seja, permanece o relato com ênfase em Paulo.

3.2 A comunidade em Jerusalém

Diferentemente de Jesus, os discípulos não parecem ter ensinado tanto nas sinagogas, mas eles se reuniam habitualmente no Pórtico de Salomão para o

¹⁰⁶ KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. 17. ed. São Paulo: Paulus, 1982.

trabalho de ensino e de realização de sinais (At 5.12). Não se deve presumir que após a ascensão de Jesus os discípulos tenham rompido o vínculo com a religião judaica e tenham passado a seguir um caminho diametralmente oposto.

Pelo contrário, eles tinham o hábito de realizar suas orações no templo (3.1), onde perseveravam unânimes (2.46), e onde também ensinavam (5.21; 42). Assim como Jesus, eles continuaram a falar aos israelitas sobre o projeto de Deus para a reconciliação com seu povo. Em todo o tempo é lembrada a aliança de Deus com os patriarcas (3.25, 26; 7.8). O movimento de Jesus após sua ascensão manteve o foco no povo hebreu (Mt 10.5,6; 15.25).

Jerusalém era formada principalmente por judeus, mesmo que helênicos. Daí o campo fértil encontrado pelos discípulos para discorrer sobre o cumprimento das profecias, como pode ser observado em Atos 2.5: “Ora, estavam habitando em Jerusalém judeus, homens piedosos, vindos de todas as nações debaixo do céu”. São eles, de diversas nacionalidades, que ouvem o testemunho dos discípulos cada um em sua língua materna. A eles foi anunciado o cumprimento das promessas divinas acerca do povo de Israel.

Do discurso de Pedro em Atos 2.29-32, é possível perceber que o foco era a ressurreição de Cristo e sua predição nas Escrituras: “Sendo (Davi), pois, profeta e sabendo que Deus lhe havia jurado que um dos seus descendentes se assentaria no seu trono, prevendo isto, referiu-se à ressurreição de Cristo, que nem foi deixado na morte, nem o seu corpo experimentou corrupção”¹⁰⁷.

Pedro chama a atenção para a promessa que trata do descendente de Davi que se assentaria em seu trono, fazendo a conexão com Jesus, o descendente prometido, mesmo que a desvencilhe do plano material, ao inserir um acontecimento sobrenatural: a ressurreição. Nas pegadas de Jesus, Pedro apresenta o trono espiritual de Jesus (meu reino não é deste mundo) e o coloca acima de Davi, que morreu e ficou sepultado. O descendente que ocupou o trono para os israelitas era melhor que suas expectativas. Mas não era fácil para eles transitarem entre essas dimensões. O povo sempre esperou o descendente que conquistaria todos os povos para Israel: Jesus veio com a proposta de conquistar todos os povos para Deus, o Deus de Israel. Seria uma espécie de retorno aos tempos em que não havia

¹⁰⁷ Foi acrescentado o nome de Davi ao texto original.

monarquia e que o povo tinha apenas Deus como governante supremo. O modo de retornar seria através do arrependimento.

É dessa forma que Atos 2.38 retrata Pedro traduzindo com fidelidade os ensinamentos de Jesus sobre o arrependimento de pecados (Mt 4.17; Lc 5.32); o batismo nas águas (Mt 28.19, Mc 16.16) e o dom do Espírito Santo (Lc 12.12; Jo. 14.26), e também apresentando o cumprimento da promessa divina de derramamento do Espírito em JI 2.28-32 (At 2.17,18). Em Atos 4.2, Jesus é apresentado não apenas como o ressuscitado, mas como o autor da ressurreição (Eu sou a ressurreição e a vida – Jo. 11.25), aguardada por tantos israelitas (Jo 6.40; 11.25). Em 4.12 ele é apresentado como o único salvador (Jo 14.6).

O ensino sobre o Reino de Deus, âmago da pregação de Jesus (Lc 8.1), expressamente determinado como missão para os discípulos (Lc 9.2; 22.29), estava presente nos ensinamentos apostólicos no início da comunidade, embora a expressão “Reino de Deus” seja pouco citada até Atos 13 (apenas em referência a Filipe, em 8.12), sendo mais abundante naquelas que incluem Paulo (14.22; 19.8; 20.25; 28.23,31), o que ele faz também em oito de suas treze epístolas. É possível que a expressão não precisasse ser dita com palavras, porque a comunidade vivenciava a prática o Reino de Deus, onde não havia ricos ou pobres, oprimidos ou opressores (At. 4.32).

A comunidade apostólica¹⁰⁸ ficou centralizada em Jerusalém por pouco tempo, por causa da destruição da cidade em 70 d.C., e também em razão da morte precoce dos apóstolos, quase todos martirizados. Os que ali estavam mudaram-se para a cidade de Pela, na Transjordânia, no contexto da primeira guerra judaica contra Roma, e os cristãos de origem gentílica passaram a influenciar cada vez mais a igreja em sua totalidade.¹⁰⁹

O tempo dos gentios foi inaugurado com Cornélio (At 10). Pedro, não sem resistência, prega o evangelho a ele e seus parentes e amigos íntimos (At 10.24). O Espírito Santo, então, vem sobre ele e todos os presentes e, em seguida, ocorre o primeiro batismo de gentios nas águas. Naturalmente não se está computando o etíope batizado por Filipe (8.27-39), porque há dúvidas se ele não seria judeu, já que estava lendo as Escrituras e tinha ido a Jerusalém para adorar (v. 27).

¹⁰⁸ A comunidade que tinha como líderes diretos os apóstolos, e que era formada em sua maioria por judeus e prosélitos convertidos.

¹⁰⁹ BRAKEMEIER, 1984, p. 121.

3.3 A conversão dos primeiros gentios

Embora não haja registro do desdobramento de conversões isoladas, como a do etíope, oficial de Candace (At 8.26-40), algumas passagens sugerem que o evangelho não demorou muito até chegar aos gentios, principalmente através dos judeus helênicos. Veja-se, por exemplo, Nicolau, prosélito de Antioquia, um dos diáconos encarregados de cuidar da parte administrativa dos judeus helênicos convertidos. Alguns pais da Igreja da época pós-apostólica, como Irineu de Lyon¹¹⁰ (c. de 175), referem-se aos nicolaítas como seguidores de Nicolau, o diácono, opinião compartilhada por Hipólito de Roma, seu discípulo. Eusébio de Cesareia (263-340 d.C.) também assinala ter sido ele o criador do movimento dos nicolaítas, embora não exista registro anterior a essas datas que abone tal conclusão.

Entretanto, mesmo que fosse assim, tal fato apenas reforça o indício de sua presença na Antioquia como pregador do evangelho, mesmo que depois tenha se desviado do norte apostólico. É fato, porém, que Antioquia¹¹¹ foi uma das primeiras cidades gentílicas a receber a pregação do evangelho, juntamente com Samaria, embora, no primeiro momento, a pregação se dirigisse exclusivamente aos judeus, conforme Atos 11.19: “[...] os que foram dispersos por causa da tribulação que sobreveio a Estêvão se espalharam até à Fenícia, Chipre e Antioquia, não anunciando a ninguém a palavra, senão somente aos judeus”.

3.4 A atuação dos discípulos no movimento de Jesus após a ascensão

Nem todos os discípulos de Jesus tiveram registrados suas atuações e o conteúdo de seus ensinamentos. Isso dificulta conhecer a medida da participação de cada um na propagação do evangelho e quanto cada um guardou de fidelidade na transmissão dos ensinamentos de Jesus. O que é sabido, entretanto, é que Tiago, juntamente com Pedro, exercia a liderança da igreja na Judeia, como parece confirmar Atos 12.17; 15.13 e 21.18. Não se trata de Tiago, o apóstolo, irmão de João, pois ele morreu por volta de 40 ou 44 d.C (At 12.1,2), tanto que Pedro é preso

¹¹⁰ COSTA, Airton Evangelista da. *Quem foram os nicolaítas?* Disponível em: <www.palavradaverdade.com/print2.php?codigo=293>. Acesso em: 16 fev. 2015.

¹¹¹ Todas as citações à cidade de Antioquia, nesse trabalho, salvo se referenciado de outro modo, referem-se à Antioquia da Síria.

logo em seguida à sua morte (v. 3) e, no v. 17, quando é solto da prisão, manda anunciar “[...] isto a Tiago e aos irmãos”. Portanto, não se refere a Tiago, o apóstolo. Aquele Tiago é identificado por Paulo como o irmão do Senhor (Gl 1.19; 2.9-12; 1 Co 15.7). Ele tem participação decisiva na reunião entre os apóstolos e os presbíteros para resolver a questão da circuncisão dos gentios convertidos. Embora haja discussão quanto ao estilo literário e ao grego impecável, ele pode ter sido o escritor da carta homônima. De todo modo, a epístola não é importante para este estudo, que busca indícios dos ensinamentos proferidos pelos discípulos logo após a ascensão de Jesus, coisa de dez ou doze anos, mais ou menos. Citaremos os principais.

3.4.1 Barnabé

Uma das figuras que mais se destaca é Barnabé, embora não seja um dos apóstolos. Ele era um levita nascido em Chipre, e é uma das figuras mais importantes quando se pretende descobrir qual era o ensino apostólico antes da chegada de Paulo. Seu nome é citado mais de vinte vezes no livro de Atos e aparece em quatro livros do Novo Testamento: Atos, 1 Coríntios, Gálatas e Colossenses. Se se considerar os relatos bíblicos, ele era um dos mais ativos do NT, embora não tenha deixado nenhum legado para o cânon. O livro de Atos já foi cogitado como sendo de sua autoria, e Tertuliano atribuiu a ele a autoria do livro de Hebreus.

Outras obras lhe são atribuídas como o Evangelho de Barnabé¹¹², a Epístola de Barnabé e Atos de Barnabé. O primeiro é um livro datado do século V, adotado pelo islamismo, no qual Jesus é apresentado como profeta, e não como filho de Deus; a Epístola de Barnabé é uma epístola grega contendo vinte e um capítulos, preservados inteiramente no *Codex Sinaiticus*, do século IV d.C., no qual aparece no final do Novo Testamento. Já os Atos de Barnabé foram escritos no século V e serviram como fundamento para a Igreja de Chipre requerer a independência do Patriarcado de Antioquia, o que ocorreu no Concílio de Calcedônia, em 431 d.C.

¹¹² “Não é de surpreender que os apologistas muçulmanos recorram ao Evangelho de Barnabé, pois ele apoia um ensinamento islâmico básico contrário ao NT”. Extraído de GREEN, Samuel. *O Evangelho de Barnabé – Answering Islam* Disponível em: www.answering-islam.org/biblia/barnabe.html. Acesso em 21 fev. 2015.

O evangelho começou a sair de Jerusalém a partir da perseguição desencadeada após a morte de Estêvão, espalhando os discípulos pelas regiões da Judeia, Samaria, Fenícia, Chipre, Antioquia da Síria¹¹³ e Damasco (At 8.1-5; 11.19-20 e 11.22-24). Ou seja, não demorou muito para que o evangelho chegasse aos países circunvizinhos, embora a pregação tivesse inicialmente os judeus como alvo. Quando os apóstolos ficam sabendo da conversão de gentios em Antioquia, para lá enviam Barnabé, que vai exortá-los a permanecerem no Senhor (At 11.22). Talvez por essa razão ele seja denominado “Apóstolo da Igreja de Antioquia”¹¹⁴, embora tenha maior reconhecimento entre os cristãos de Chipre, como veremos adiante.

A comunidade de Antioquia já se destacava na pregação do evangelho entre os gentios no mínimo uma década antes do engajamento do apóstolo Paulo, e se desenvolveu inicialmente à luz da tradição oral dos ensinamentos de Jesus, pois, tratando-se basicamente de uma comunidade gentílica, as Escrituras judaicas não tinham o mesmo peso que em Jerusalém, embora crescessem sob o pálio do Jesus judeu.

A vida de Barnabé está intrinsecamente ligada à de Paulo até a divergência ocorrida entre eles por causa de João Marcos (At 15.37-39). Os registros bíblicos denotam que, por um tempo não definido antes da conversão e do ministério de Saulo de Tarso, Barnabé agiu como líder principal da comunidade helênica formada por judeus e gentios. É ele quem apresenta Paulo aos apóstolos quando todos o temiam em Jerusalém (9.26-27), e depois vai buscá-lo em Tarso para que o ajude em Antioquia (At 11.25).

Embora Paulo não revele em Gálatas 2.1 que foi buscado por Barnabé, referindo apenas que subiu a Jerusalém com Barnabé, é possível que seja esta ocasião em que levaram socorro à Judeia, quando da grande fome que houve no mundo no tempo do imperador Cláudio (At 11.27-30). O texto diz que eles ali permaneceram até cumprirem sua missão e depois voltaram para Antioquia, levando João Marcos (At 12.25). Sabe-se, ainda, que ele ficou ajudando Barnabé em Antioquia por um ano (v. 26), antes que Deus os comissionasse para a primeira viagem missionária.

Atos 13.1 é o texto bíblico que revela os detalhes da primeira viagem missionária. Nele é informado que a igreja de Antioquia tinha alguns mestres, entre

¹¹³ Todas as citações à cidade de Antioquia, nesse trabalho, mesmo quando não referenciados, se referem à Antioquia da Síria.

¹¹⁴ FABRIS, 1991, p. 227.

os quais se incluíam Barnabé e Saulo, e, pela forma como são citados – Barnabé em primeiro lugar - indica que ele exercia a primazia no grupo, até porque era ele o representante dos apóstolos naquela comunidade. O texto bíblico relata que, no decorrer da viagem, Barnabé e Saulo pregaram, ensinaram, falaram e promoveram em cada igreja a eleição de presbíteros (At 14.23), demonstrando existir unidade no ensino e no serviço.

Em Listra, Barnabé é chamado de Júpiter (Zeus para os romanos) e Paulo, de Mercúrio. Na mitologia, Júpiter é o pai dos deuses, ou rei dos deuses, e Mercúrio tinha o dom da eloquência e era o encarregado de levar as mensagens de Júpiter. Analisando a perspectiva dos habitantes de Listra, é possível inferir que Barnabé era mais idoso que Paulo e tinha posição de liderança sobre ele, sendo Paulo seu mensageiro. Isto é importante, porque se pretende demonstrar que Barnabé agia como líder principal da comunidade helenista judaico-cristã e das igrejas por eles formadas e que o ensino seguia o eixo doutrinário dos apóstolos em Jerusalém. É ainda em Listra que existe a menção a Barnabé como apóstolo, juntamente com Paulo (At 14.24). Nesse episódio é possível ver que Barnabé é também portador da palavra, pois Paulo era o principal orador, no relato de Lucas, ou seja, não era o único.

Na segunda viagem missionária, há um desentendimento entre Paulo e Barnabé em razão de um fato ocorrido na primeira viagem com João Marcos, que desistiu de acompanhar o grupo ao chegarem à Perge da Panfília (At 13.13). Paulo não deseja incluí-lo na nova viagem, mas Barnabé insiste em sua inclusão (At 15.37-39). A partir desse momento, há uma ruptura entre ambos: Barnabé vai para Chipre com João Marcos, e Paulo escolhe Silas como companheiro de viagem.

Não é possível definir a partir de quando Lucas se torna parte do grupo de viagem de Paulo, mas é certo que as narrativas, a partir de então, pouco mencionam Barnabé e os demais apóstolos e discípulos, passando a relatar quase exclusivamente os passos de Paulo. A primeira inserção da seção “nós” ocorre em Atos 16. Depois, há uma longa pausa e só reaparece em Atos 20.5-6. Para Anderson¹¹⁵, “Somente quando Paulo e os outros retornam à Macedônia é que Lucas entra novamente na história (20:5-6). Isso parece indicar que ele teve uma influência muito forte na recém-plantada igreja de Filipos”.

¹¹⁵ ANDERSON, 1999, p. 18.

Aliás, nessa cidade é mencionada a participação direta de Lucas no ministério paulino (At 16.13). A narrativa, que desde Atos 16.18 estava na terceira pessoa do singular, passou a ser feita na primeira pessoa do plural nos capítulos 20.5 a 21.18 e 27.1 a 28.16, indicando que nesses períodos o narrador voltou a fazer parte do grupo. Naturalmente, só esse indício é insuficiente para se determinar quando Lucas foi agregado à comitiva. Existem, inclusive, estudiosos que atribuem a segunda parte de Atos a outro autor, por conta da diferença abrupta de estilo. Com efeito, em Atos 21.10,11 o profeta Ágabo parece ser totalmente desconhecido do escritor, apesar do episódio de Atos 10.27,28.

Não se pode, pois, ignorar a importância de Barnabé na construção doutrinária do primeiro século. João Marcos, inclusive, que foi objeto da discórdia, desceu para Chipre com Barnabé, o ponto inicial da primeira viagem missionária, e, embora não haja mais relatos de Barnabé, o trabalho ali se desenvolveu a ponto de ser fundada a igreja de Chipre tendo Barnabé como patriarca. João Marcos, a quem é atribuído o evangelho mais antigo, teria, segundo a tradição¹¹⁶, também fundado a igreja de Alexandria.

Se se levar em consideração que Barnabé foi enviado pelos apóstolos a Antioquia, que já estava recebendo as primeiras conversões, e não em número tão pequeno (já que o fato chegou ao conhecimento dos apóstolos em Jerusalém), chega-se à conclusão que ele é o líder naquela cidade e cercanias. Seu trabalho em Antioquia era muito próspero (At 11.24), de tal maneira que ele foi buscar Paulo para ajudá-lo no trabalho. No texto que registra o chamamento missionário de ambos, Barnabé está em primazia em relação a Paulo. Mesmo em Listra Barnabé recebe destaque em relação a Paulo, pela divindade que é atribuída a cada um; no relato daqueles momentos é utilizada a construção da frase no plural: “rogaram-lhes que lhes falassem”; “Paulo e Barnabé, falando ousadamente, disseram”; “entraram juntos na sinagoga judaica e falaram de tal modo”. É razoável supor que os ensinamentos de Paulo eram aqueles que ambos transmitiam no tempo em que estavam juntos, embora somente Paulo tenha deixado uma herança escrita. É natural que nem todo o ensino estivesse a cargo de Barnabé, mas, se havia uma equipe de ensino em Antioquia, do qual Paulo fazia parte, deveria haver, com pouca exceção, uma

FIGUEIREDO, Angela Cristina Sarvat de. *O Cristianismo Copta: Uma face particular do multiculturalismo cristão*. I Congresso Internacional de Religião, Mito e Magia do Mundo Antigo & IX Fórum de debates em História Antiga. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, 2010.

unidade doutrinária entre aqueles mestres, que naturalmente tinham comunhão no ensino. Até porque, quando houve divergência, o caminho natural foi consultar os apóstolos em Jerusalém, tarefa que coube a Barnabé e a Paulo como os porta-vozes da comunidade antioquena.

3.4.2 Paulo

Paulo nasceu em Tarso da Cilícia, mas foi criado em Jerusalém (At 22.3; 26.4); era fariseu, discípulo de Gamaliel, rabino influente em seu tempo (At 5.34). Sua conversão é narrada no capítulo 9. Ele inicia seu ministério em Damasco e ali fica pregando o evangelho por “muitos dias” (v. 23), ou três anos, conforme Gálatas 1.17-18, sem qualquer vínculo com os apóstolos (Gl 1.22). Após esse tempo, sobe a Jerusalém, e é apresentado por Barnabé (At 9.26,27) aos apóstolos Pedro e Tiago (Gl 1.18, 19), mas, começando uma perseguição contra ele, vai para Tarso (At 9.30). Desse longo tempo em Tarso pouco se sabe, além do que ele revela na epístola aos gálatas (Gl 1. 21,22; 2.1), na qual ele afirma que não era conhecido de vista pelas igrejas da Judeia.

Após quatorze anos, Barnabé vai buscá-lo em Tarso (At 11.25), e, “por todo um ano, se reuniram naquela igreja e ensinaram numerosa multidão” (At 11.26). Quando vai com Barnabé a Jerusalém levar donativos, por ocasião da grande fome predita por Ágabo (At 11.27-30), tem novo encontro em com os apóstolos. Dessa vez, além de Pedro e Tiago, encontra-se com João (Gl 2.1-10). Ali permanece por pouco tempo, e, em seguida, retorna a Antioquia, onde já era conhecido como mestre (At 13.1). É nesse texto que Lucas relata o comissionamento de Barnabé e Paulo para a primeira viagem missionária, quando Paulo passa a ter destaque sobre Barnabé no relato lucano.

Não é possível definir quando se deu a conversão de Paulo. Os autores divergem: uns, definem a data em 36 d.C.¹¹⁷, por volta de 33/34 d.C. de acordo com Hale¹¹⁸ e 34 d.C., por Gundry¹¹⁹, e outros, em cerca de 50 d.C. Mesmo se for tomada como correta uma data mais antiga, é necessário considerar que Paulo iniciou seu ministério em Damasco (At 9.20-25) e logo após passou por um período

¹¹⁷ BROWN, 2004, p. 573

¹¹⁸ HALE, Broadus David. *Introdução ao estudo do Novo Testamento*. 3. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1989. p. 201.

¹¹⁹ GUNDRY, Robert H. *Panorama do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo, 1998. p. 260.

de recolhimento em relação aos centros onde estava se desenvolvendo o evangelho, e nunca teve influência direta na formação da igreja de Jerusalém. Suas cartas começaram a ser escritas por volta do ano 50 d.C. A mais antiga, aos tessalonicenses, foi escrita após o ano de 50 d.C, e é destinada a um público específico, ou seja, não era uma carta endereçada a todas as comunidades, e somente em um momento posterior começou a circular. Não tinham recepção dogmática, e há relatos de clara resistência aos ensinamentos paulinos, conforme ele mesmo relata (II Tm 4.15). Apesar da grande abrangência nas comunidades cristãs posteriores, deve-se ressaltar que a autoridade de Paulo, no princípio, restringia-se a algumas comunidades, e que o evangelho se desenvolvia sem dependência dos ensinamentos paulinos em diversas outras (At 9.31).

Ao contrário dos demais apóstolos, Paulo pode ser conhecido no livro de Atos e em seus demais escritos, embora nem sempre um corrobore exatamente o relato do outro. Por exemplo, em Gálatas 2.1, Paulo diz que subiu a Jerusalém com Barnabé, enquanto, acerca do mesmo episódio, Atos 11.29,30 relata que Barnabé e Saulo foram enviados pelos presbíteros de Antioquia para levar donativos para a igreja da Judeia.

Paulo esteve quatro vezes em Jerusalém após a sua conversão, e em três vezes se encontrou com alguns dos apóstolos (At 11.30-12.25; 21.18; I Co. 15.7). Teve outro encontro com Tiago em Jerusalém, agora sem a presença de Barnabé, e Lucas está presente, se ele é o escritor de Atos (At 21.18). Nessa ocasião, são acrescentados detalhes sobre a fala de Ananias por ocasião da conversão de Paulo, e seu comissionamento para os gentios (At 22.21). Os dados ali referidos parecem ser desconhecidos até então.

A formação rabínica de Paulo por certo contribuiu para a formação de seu pensamento descrito em suas cartas. É claro que lhe é muito peculiar seu encontro com Jesus, dando-lhe maiores perspectivas do recomeço do relacionamento de Deus com os homens através da figura do Cristo Salvador. Mas a Lei é matéria de sua formação, e isso lhe abriu perspectivas muito maiores de compreensão do que fora escrito exclusivamente para o povo de Israel, o que contribuiu para sua percepção dos diversos aspectos judaicos em relação aos gentios.

Não é possível definir a partir de quando Lucas se torna parte do grupo de viagem de Paulo, mas é certo que as narrativas, a partir de então, não mencionam mais Barnabé nem os demais apóstolos e discípulos, passando a relatar apenas os

passos de Paulo. Na segunda viagem, Paulo leva Silas consigo e, logo em seguida, acrescenta Timóteo à caravana. A partir do capítulo 20, a narrativa, que estava na terceira pessoa do singular, passa a ser feita na primeira pessoa do plural, indicando que o narrador faz parte, ou passou a fazer parte do grupo. Entretanto, só esse indício é insuficiente para se determinar quando Lucas foi agregado à equipe.

3.5 A doutrina

O Movimento de Jesus não perdurou muito tempo após a morte de seu líder, como costuma acontecer em casos assim. Entretanto, após a morte de Jesus, ele é reconstruído por seus seguidores¹²⁰, e passa a ser chamado de “Seita do Nazareno” ou “Caminho”, talvez em referência à palavra de Jesus: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida” (Jo 14.6). Entretanto, ele fugiu das dimensões inicialmente pensadas pelos discípulos, transcendeu o mundo judaico e proliferou amplamente no meio gentílico. Se Jesus, em algum momento, disse que não fora enviado senão à casa de Israel (Mt 15.24), sua ordem para que os discípulos pregassem o evangelho no mundo inteiro a toda criatura (Mc 16.15) foi atendida quase imediatamente.

Por três anos e meio Jesus formou seus seguidores para substituí-lo quando ele fosse para o Pai, ocasião em que os discípulos deveriam pregar arrependimento para remissão de pecados a todas as nações, começando por Jerusalém (Lc 24.47). Eles teriam como função substituir o Mestre, e com a responsabilidade de fazer coisas ainda maiores (Jo.14.12). Dessa forma, é possível inferir que a fonte dos ensinamentos apostólicos são primariamente os ensinamentos de Jesus e a Escritura judaica porque eles reproduziram não apenas seus ensinamentos, mas também por causa do seu modo de tratar os semelhantes, uma das evidências da chegada do Reino de Deus na vida de alguém ou de uma comunidade.

Coerente com esse pensamento, Brakemeier assinala que “não menos suspeito é o amor de quem luta pela transformação das estruturas, mas deixa de socorrer o próximo concreto em suas necessidades imediatas. Jesus não foi “assistencialista”, nem “sócio-político”. Ele foi alguém que soube amar.”¹²¹

¹²⁰ RICHARD, 1999, p. 4.

¹²¹ BRAKEMEIER, 1984, p. 64

Jesus ensina amar com a práxis, com a ação concreta, mas não deixa de extrair das Escrituras judaicas o alicerce de seu ensinamento. Naturalmente são muitas vezes reinterpretadas por Jesus e pelos discípulos ou recebem novas aplicações. Assim, o Adonai de Gn 24.42¹²², embora sendo Deus, pode agora ser chamado de Pai (Mt 6.9), algo um tanto impensável para o judeu naquela época. Em alguns pontos, Jesus resgata a Lei que já estava encoberta pela tradição (Mt 15.1-6); e, em outros, revoga claramente o dispositivo legal: não mais “olho por olho, dente por dente” (Êx 21.24), mas “amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem” (Mt 5.44).

Os ensinamentos dos discípulos não estavam sujeitos a um rigor hermenêutico, e sim, eram aplicados de acordo com o tipo de pregação usual na sinagoga, em que o problema prático (Halacah) é tratado espiritualmente¹²³, embora não seja totalmente ignorada a aplicação dos métodos exegéticos judaicos tradicionais, como o Midrash, que consistia numa simples atualização de termos, como, por exemplo, “Damasco” é traduzida por “Babilônia” (At 7.43), e o Peshet (interpretação, no sentido de solução ao problema), já numa perspectiva escatológica, como o cumprimento literal naqueles dias de profecias messiânicas do AT.

Não é demais supor que nesses momentos não houve apenas troca de testemunhos, mas também um alinhamento em relação à doutrina. Embora Paulo mencione que não consultou os apóstolos quanto ao seu chamado, ele não era tão autônomo a ponto de a pregação apostólica lhe ser tão desinteressante a ponto de criar um segmento doutrinário próprio. A força doutrinal atribuída a Paulo advém dos fatos de seus escritos serem mais numerosos, mormente numa comunidade que prezava a tradição oral, não significando que Paulo não ensinasse sobre os mesmos assuntos abordados pelos demais discípulos.

Deve ser considerado, no caso, que os ensinamentos primitivos refletiam, se não todo, mas em grande parte o ensino de Jesus e das Escrituras judaicas. É certo que com o decorrer do tempo, os conceitos vão sendo revistos, existem questões que parecem ter sido abordadas apenas por Paulo, ou, pelo menos, com maior profundidade, como parece corroborar o texto de 2 Pedro 3.15,16, em que o

¹²² BÍBLIA Judaica Completa: o Tanakh [AT] e a B'rit Hadashah [NT]. Tradução do original para o inglês: David H. Stern. Tradução do inglês para o português: Rogério Portella e Celso Eronides Fernandes. São Paulo: Vida, 2010. p. 96.

¹²³ BEALE, 2013, p. 652.

apóstolo menciona a sabedoria de Paulo e os assuntos difíceis que eram por ele ensinados e que os ignorantes deturpavam.

Como é consabido, a doutrina cristã¹²⁴ não nasceu pronta. Pelo contrário, ela eclodiu dos ensinamentos de Jesus e das Escrituras revisitadas, e foi interpretada a partir das questões surgidas dentro de cada comunidade. Desse modo, os ensinamentos surgiram a partir da necessidade específica de cada grupo, e esses pontos doutrinários não fizeram parte do todo da comunidade em seus momentos iniciais. Por essa razão, não é possível atribuir autoridade universal naqueles primeiros anos aos ensinamentos paulinos porque, se as epístolas foram destinadas a cada grupo, deve-se ter em conta o tempo que elas levaram até serem compartilhadas com todos e a ter relevância geral. Até então, muitos realizavam o ensino em meio aos pequenos grupos que iam surgindo, e a autoridade estava centralizada nos ensinamentos de Jesus e dos apóstolos, esses sim, com um alcance maior em seus ensinamentos.

Os ensinamentos propagados por Barnabé em Antioquia parecem estar já consolidados quando Paulo é levado por ele para aquela cidade, até porque como visto anteriormente, os apóstolos para lá o enviaram assim que houve uma eclosão de seguidores. Ele era a pessoa de confiança dos apóstolos para supervisionar aquela comunidade. Sendo assim, é possível inferir que a presença do novo companheiro de trabalho não tenha sido suficiente para alterar substancialmente o que estava sendo ensinado até então, até porque ali havia outros mestres, sendo possível de crer que formavam um colegiado dedicado ao ensino da Palavra e que havia harmonia nas instruções repassadas à comunidade.

É importante notar também que os escritos, mormente os de Paulo, não tiveram um peso tão importante para todas as comunidades naquele primeiro momento, porque a própria cultura da época ainda prezava bastante a tradição oral, costume herdado dos antepassados, e que por milênios era a forma como mais se comunicavam e como deixavam seu legado à posteridade. Corrobora com isso o trabalho de Lucas na escrita do evangelho e do livro, que parece ter se utilizado também dos testemunhos orais para compor sua obra (Lc 1.1-4).

As cartas, ou epístolas só passaram a ter maior importância e a ser referência tempos depois, haja vista que não chegavam de pronto ao local para onde se dirigiam, levando até meses e anos para se concluir a tarefa de transmissão

¹²⁴ Doutrina cristã como o conjunto de ensinamentos e dogmas consolidados na igreja pós-apostólica.

das epístolas, porque as viagens eram longas e demoradas, e muitas vezes os mensageiros se detinham em algum lugar e ali permaneciam por um tempo até finalmente se dirigirem ao seu destino.

Também não podem ser ignoradas a cultura local das tradições orais e a dificuldade de manuseio de todo o material existente na época, porque eram abundantes os escritos atribuídos a vários discípulos e mestres e até de estranhos ao círculo apostólico, e que muitas das vezes mais confundiam a população convertida do que levavam conhecimento da proposta inaugural de Jesus.

Não fora isso, a carta destinada a uma comunidade não era imediatamente repassada a todas as outras; há um relato em que Paulo manda compartilhar a epístola, no caso dos colossenses e dos laodicenses (Cl 4.16). Nesse caso, a aceitação da epístola é imediata e deve ter levado menos tempo que as demais. A segurança doutrinária da comunidade residia mais em relação aos ensinamentos de Jesus, às Escrituras e aos ensinamentos apostólicos, aí entendidos basicamente como o que foi transmitido pelos primeiros apóstolos.

Por outro lado, por não se basear em uma obra única, como um compêndio, o desenvolvimento dos ensinamentos cristãos vai acontecer lentamente, de acordo com a demanda, ou seja, com as questões surgidas em cada comunidade. Só é possível dizer que as cartas e epístolas se tornam amplamente relevantes a partir da compilação dos escritos utilizados pela comunidade e de sua aceitação no cânon sagrado, já em data bem posterior à presença física dos apóstolos.

Não é possível, de qualquer modo, desconsiderar a cultura de tradições orais e a dificuldade de manuseio de todo o material, até porque abundavam na época incontáveis escritos, atribuídos a inúmeros discípulos e mestres, e que muitas das vezes mais confundiam que ensinavam, conforme 2 Tessalonicenses 2.2: “[...] não vos demovais da vossa mente, com facilidade, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como se procedesse de nós”. De fato, os escritos de Paulo concorriam com um sem número de outros escritos e ensinamentos.

Paulo cita a insegurança que existia em algumas comunidades por causa da profusão de “mestres” enganadores (2 Co 11.4,5; 12-13). Ali ele menciona que os tessalonicenses estavam tolerando pessoas que ensinavam um evangelho diferente do que ele lhes tinha pregado. Em outra ocasião, ainda aos tessalonicenses, ele manda guardar as tradições que lhes foram ensinadas “quer por palavra, quer por

escrita” (2 Ts 2.15). A palavra “tradições” não está no sentido da assimilação cultural antiga, significando, sim, “verdades”, “dádivas”, como em outras traduções.

Ou seja, eles não deveriam se afastar dos ensinamentos recebidos, para não serem enganados com a profusão de ensinamentos que fervilhavam na época. A insegurança entre o evangelho da graça e os ritos judaicos, tanto que, apesar de sempre destacar sua independência em relação à igreja de Jerusalém, em certo momento ele constata que somente os apóstolos poderiam definir uma posição a esse respeito. É como discorre Quesnel¹²⁵: “A Assembleia de Jerusalém é precisamente o momento em que o grupo de Paulo e o dos demais apóstolos se puseram de acordo para não impor a circuncisão aos discípulos de Jesus vindos do paganismo”.

Entretanto, apesar desse ser um fato posterior aos primeiros movimentos da comunidade primitiva, e mais a relativa independência demonstrada por alguns grupos, é certo que a doutrina mencionada no livro de Atos, mormente em 2.42, são os ensinamentos de Jesus, mesmo quando revisitados os Profetas e a Lei no AT. A ordem dele foi: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, [...] ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado” (Mt 28.19, 20). Os discípulos foram incumbidos por Jesus para propagar o que receberam.

Sendo assim, é correto presumir que, o que foi ensinado pelos apóstolos, dando continuidade de maneira mais ampla ao movimento de Jesus, nada mais é que o transmitido à comunidade primitiva. A observação do evangelista João, “Há, porém, muitas outras coisas que Jesus fez” (Jo 24.25) refere-se, muito provavelmente aos feitos de Jesus, e não aos seus ensinamentos.

Se tomarmos a atividade dos discípulos após a ascensão de Jesus, eles verdadeiramente reproduzem a atuação de Jesus: “E todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e de pregar Jesus, o Cristo” (At 5.42). Em resumo, eles ensinavam como foram ensinados a fazer. E o que ensinavam? A nova aliança entre Deus e seu povo (Jr 31.31; Lc 22.20; Rm 11.27) concretizada por Jesus, o Cristo; o Reino de Deus estabelecido de forma não visível, como foi anunciado por Jesus (Lc 17.21); e a ressurreição como instrumento de ingresso nesse Reino de dimensão espiritual no futuro.

¹²⁵ QUESNEL, Michel. *Paulo e as origens do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 23.

É Lucas quem mais se refere ao Reino de Deus, seguido de Paulo. Poderia ser questionado. A ausência de referência da expressão “reino de Deus” não significa ausência do querigma, isto porque:

Jesus manifesta os princípios do reino de Deus como presença do Espírito de Deus que expelle os demônios e os espíritos maus, se traduz em amor aos necessitados, pobres e culpados, bem como em lei que a ele servem. Em Jesus, a graça salvadora de Deus se aproxima e atinge as pessoas.¹²⁶

Ou seja, os discípulos passaram a viver o reino de Deus, conforme ensinado por Jesus. Através deles, o reino de Deus era manifestado entre as pessoas. O querigma descolou-se de seu nicho inicial – as falas de Jesus, e adquiriu uma proclamação mais pessoal.

A ressurreição de todos os fiéis, pautados na ressurreição de seu mestre era um grande incentivo para os seguidores. O Reino de Deus, apesar de já estar entre nós, aponta também para um momento posterior magnífico, em que todos estarão vivos espiritualmente após a morte física. Viver aqui o Reino de Deus é aguardar a ressurreição dos mortos quando “estaremos para sempre com o Senhor” (1 Ts. 4.17), algo não vislumbrado pelos antigos.

Podemos inferir, portanto, que a continuação do movimento de Jesus foi aquele que ficou conhecido como “Seita do Nazareno” e “Caminho” nas comunidades judaicas. O nome “ekklesia” não parece ter sido atribuído imediatamente pela comunidade apostólica, pois surge nos relatos de Lucas e de Paulo, principalmente. Inclusive, é Paulo quem vai institucionalizar a comunidade primitiva, dando a ela uma estrutura com atribuições, cargos e metas. É ele também quem orienta, na maioria das vezes, como devem ser os relacionamentos sociais e familiares dos seguidores.

Como não havia qualquer pretensão de Jesus ou dos discípulos de promover uma ruptura com o judaísmo, mas sim, de demonstrar o cumprimento das promessas feitas desde Adão até os profetas, e orientar sobre o novo relacionamento com o Deus das promessas, é possível afirmar que o ensino dos apóstolos visava conduzir o povo israelita para a nova aliança (Jr 31.31; Mt 26.28) firmada entre Deus e seu povo, tanto assim que ensinavam nas sinagogas e no templo, e não buscaram um lugar separado para orar ou para ministrar.

¹²⁶ BRAKEMEIER, 1984, p. 46.

Continuavam sendo judeus (israelitas) e guardavam todos os preceitos da Lei de Moisés, ressalvadas as exceções feitas por Jesus: “Também foi dito: aquele que repudiar sua mulher dê-lhe carta de divórcio. Eu, porém, vos digo: [...]” (Mt 19.9). Sequer a circuncisão eles deixaram de observar, sendo apenas autorizado aos gentios que não praticassem o rito. Apesar de Paulo recriminar Pedro no episódio em que o apóstolo, temendo os da circuncisão, receou participar da refeição com os gentios (Gl 2.12), também ele precisou usar de sutileza e mandou circuncidar Timóteo por causa dos judeus (At 16.1). O próprio Paulo afirma que o ministério da circuncisão foi confiado a Pedro (Gl 2.7-9).

Paulo também prezava pela fé genuína, pois, conforme explica em Gálatas 6.12, muitos não queriam ser circuncidados para não serem perseguidos. Não parece, pois, que tenha sido ensinado à comunidade apostólica que a circuncisão havia sido abolida, e que, embora alguns tenham tentado vincular a salvação à circuncisão (At 15.1), os demais tinham esse ritual como identidade nacional, ou seja, os pertencentes à nação de Israel se deixavam circuncidar como sinal de fidelidade a Deus, o que não foi contrariado por Jesus.

À vista dos fatos, é admissível concluir que o Movimento de Jesus teve prosseguimento com os apóstolos após sua ascensão e passou a ser chamado de “Seita do Nazareno” e “Caminho”. É possível, ainda, perceber que os ensinamentos dos apóstolos na primeira comunidade estavam em sintonia com aqueles transmitidos por Jesus, e também que a igreja cristã, ou o Cristianismo, surgiu de forma indireta do Movimento de Jesus, pois se originou da chamada “Seita do Nazareno”, e adquiriu depois peculiaridades em relação à primeira comunidade em razão do seu público-alvo, os gentios, que não tinham vínculos com as leis judaicas e seus rituais.

É possível também supor, com razoável chance de certeza, que os discípulos não romperam com as tradições judaicas, exceto as tradições dos anciãos, contra as quais também Jesus se insurgiu, e continuaram a pregar sobre Jesus como o cumprimento das profecias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude do que foi apresentado, conclui-se que advento de Jesus se deu numa época em que existiam vários grupos religiosos, cada um com sua visão sobre a forma de servir a Deus e de interpretar as Escrituras. Jesus trouxe uma doutrina e uma esperança diferentes do que era vivido na época. Ele anunciou o cumprimento das profecias messiânicas e a chegada do Reino de Deus. Não tardou a ser reconhecido como mestre e a ter inúmeros seguidores. Ele formou discípulos e deu-lhes a incumbência de prosseguir seu trabalho após sua morte. Esse segmento ficou conhecido pelo nome de “Movimento de Jesus”.

É possível afirmar que o Movimento de Jesus teve uma continuação após a morte de seu líder, e que foi chamada pelos judeus de “Seita do Nazareno” ou “Caminho”, e originou também uma vertente de seguidores, os “Cristãos”, embora não se saiba ao certo quando esse nome passou a caracterizar os gentios seguidores de Jesus. É provável, contudo, que o nome de cristão nunca tenha se aplicado aos seguidores judaicos, embora a palavra “Igreja” se aplicasse igualmente aos dois grupos. Após a ressurreição, os discípulos iniciaram a missão de propagar os ensinamentos de Jesus, aqui entendidos ensino em forma ampla (proclamação, pregação, manifestações carismáticas).

A partir da perseguição levantada contra Estêvão, um judeu helênico, os discípulos foram espalhados pelas cidades circunvizinhas, porém os apóstolos permaneceram em Jerusalém (At 8.1), fortalecendo a obra que ali se iniciara e orientando os que estavam dispersos (At 8.14, 11.22). Naquele primeiro momento, não houve perseguição contra o trabalho desenvolvido pelos apóstolos, como demonstra At 9.31, pois a igreja tinha paz por toda a Judeia, Galileia e Samaria, além do fato de que os apóstolos puderam continuar em Jerusalém após a perseguição que expulsou os discípulos de Jerusalém.

Pelos relatos bíblicos, vê-se uma acomodação na qual as comunidades judaicas e gentílicas não mantinham muita diferença entre si, exceto o fato de os judeus seguidores de Cristo conservarem a prática de alguns rituais da religião judaica, e isto ter sido dispensado para a comunidade gentílica. O certo é que o ensino de Jesus foi assimilado por ambos: o Reino de Deus, a ressurreição, a paternidade divina, o arrependimento de pecados, a vida eterna eram pertencentes dos dois grupos, e era o que movia ambos. Por isso a esperança que movia aquelas

comunidades: Elas confiaram inteiramente na promessa de Jesus, e aceitaram que seu Reino não era deste mundo e que ele os levaria para junto de si. Então, a morte física ou a tortura, ou a perda dos bens materiais não se comparava àquilo que eles aguardavam.

À vista dos fatos, é possível concluir que o Movimento de Jesus teve sua continuidade na comunidade de Jerusalém e na comunidade gentílica, e, em tempo que não é possível precisar, ambas eram chamadas de “Igreja”; que mantinham vínculos fraternos entre si, e que foram originadas dos mesmos ensinamentos deixados por Jesus, embora, com o tempo, a necessidade de cada comunidade fez com que novas orientações fossem imprescindíveis, de modo geral dirigidas à igreja gentílica.

Em razão desse estudo, foi possível perceber que “Doutrina dos apóstolos”, em Atos 2.42, não diz respeito a um corpo dogmático, e sim, aos ensinamentos que são ministrados às comunidades, e que pode ser aplicada tanto aos ensinamentos dos primeiros apóstolos como aos de Paulo, e que vai evoluindo à medida da necessidade.

Por fim, este estudo constituiu apenas uma contribuição para o conhecimento do ambiente em que se formou a comunidade do NT, investigando as profecias do AT a respeito do Messias, seu cumprimento na pessoa de Jesus, o Movimento de Jesus, como berço do cristianismo, e a importância dos ensinamentos dos apóstolos (doutrina dos apóstolos) para as comunidades judaicas e gentílicas.

REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA. *Livros do Antigo Testamento. Livros Proféticos*. Editor: Bishop Alexander. Disponível em: www.fatheralexander.org/booklets/portuguese/biblia_sept_5.htm. Acesso em: 25 fev. 2015.
- ALEXANDER, Pat and David (Ed.). *The lion handbook to the Bible*. 4 ed. Oxford: Lion Hudson plc, 2009.
- ANDERSON, James. *Comentário Ritchie do Novo Testamento: Atos*. Ourinhos-SP: Edições Cristãs. Pirassununga-SP: Shalom Publicações, 1999, 2v, 1999.
- ARCHER JR, Gleason L. *Merece Confiança o Antigo Testamento?* São Paulo: Vida Nova, 1991.
- BARBAGLIO, Giuseppe. *Jesus, hebreu da Galileia. Pesquisa histórica*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- BEALE, G. K. *Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2013.
- _____; CARSON D. A. Organizadores. *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- BETTENSON, H. (Ed.) *Documentos da igreja cristã*. São Paulo: Haste, 2011.
- BIBLEWORKS 8. Software for biblical exegeses and research, 2009.
- BÍBLIA de estudo arqueológica – NVI. Tradução de Claiton André Kuns *et al.* São Paulo: Vida, 2013.
- BÍBLIA do Peregrino. SCHÖKEL. Tradução de Ivo Stomiolo e José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2002.
- BÍBLIA Hebraica Stuttgartensia. Tradução de ELLIGER, K. *et al.* Funfte verbesserte Auflage Editio quinta emendata. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- BÍBLIA Hebraica. Tradução de David Gorodovits e Jairo Fridlin. São Paulo: Sêfer Ltda, 2006.
- BÍBLIA Judaica Completa: o Tanakh [AT] e a B'rit Hadashah [NT]. Tradução do original para o inglês: David H. Stern. Tradução do inglês para o português: Rogério Portella e Celso Eronides Fernandes. São Paulo: Vida, 2010.
- BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual., 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1996.
- BÍBLIA Septuaginta. Editio altera/Revised Edition. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

BOCCACCINI, Gabriele. *Além da Hipótese essênica. A separação dos caminhos entre Qumran e o judaísmo enóquico*. São Paulo: Paulus, 2010.

BOCK, Darrell L.; GLASER, Mitch (Org.). *O servo sofredor*. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

BRAKEMEIER, Gottfried. *Reino de Deus e esperança apocalíptica*. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 1984, p. 121.

BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004.

BULL, Klaus-Michael. *Panorama do Novo Testamento: história, contexto e teologia*. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

CARREZ, M. et al. *As cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas*. São Paulo: Paulus, 1987.

CESAREIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. (livros 1 a 8) e Luís Aron de Macedo (livros 9 e 10). 4. ed. Belo Horizonte: CPAD, 1999.

CHAMPLIN, Russell Norman. *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo, vol. 8*. São Paulo: Ed. Candeias, 2000.

CHEVITARESE, André L. Gabriele, CORNELLI. *Judaísmo, Cristianismo e Helenismo. Ensaio acerca das interações culturais no Mediterrâneo antigo*. São Paulo: Fapesp; Annablume, 2007.

CLEMENTE, Nilza Cardoso. *Os profetas*. Disponível em: <http://anotacoesdabiblia.no.comunidades.net/>. Acesso em: em 23 fev. 2015.

CORREIA, LUCAS. *Os papiros de Elephantina*. Disponível em: <http://histriadasreligies.blogspot.com.br/2013/07/os-papiros-de-eelefantina.html>. Acesso em: 21 abr. 2015.

COSTA, Airton Evangelista da. *Quem foram os nicolaítas?* Disponível em: <www.palavradaverdade.com/print2.php?codigo=293>. Acesso em: 16 fev. 2015.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Ed.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova. 2 v.

CROSSAN, John Dominic. *O nascimento do Cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2004.

ELLISEN, Stanley A. *Conheça melhor o Antigo Testamento*. São Paulo: Vida, 2002.

FABRIS, Rinaldo. *Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1991.

FIGUEIREDO, Angela Cristina Sarvat de. *O Cristianismo Copta: Uma face particular do multiculturalismo cristão. I Congresso Internacional de Religião, Mito e Magia do*

Mundo Antigo & IX Fórum de debates em História Antiga. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, 2010. Disponível em: www.nea.uerj.br/Anais/coloquio/angelacristina.pdf. Acesso em: 15 jun.2015.

FOHRER, Georg. *História da Religião de Israel*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2008.

FREYNE, Sean. *Jesus, um judeu da Galileia: nova leitura da história de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2008.

GEISLER, Norman. *Merece confiança o Evangelho de Barnabé?* Disponível em: anscarvonier.wordpress.com/. Acesso em: 01 abr. 2015

GREEN, Samuel. *O Evangelho de Barnabé*. Disponível em: www.answering-islam.org/biblia/barnabe.html. Acesso em 01 abr.2015.

GUNDRY, Robert H. *Panorama do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo, 1998.

GASS, Ildo Bohn. *Uma introdução à Bíblia. As comunidades cristãs da primeira geração*. vol 7. São Paulo: Cebi; Paulus, 2005.

GUNNEWEG, Antonius H. J. *Teologia Bíblica do Antigo Testamento: uma história de Israel na perspectiva bíblico-teológica*. Teológica. Loyola, 2005.

GUSSO, Antônio Renato. *Panorama Histórico de Israel*. 5. ed. Curitiba: A. D. Santos, 2006.

HALE, Broadus David. *Introdução ao estudo do Novo Testamento*. 3. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1989.

HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Licenciado para João Marinho. Versão monousuário 017b. [S.I.]: Objetiva, 2008.

HOLTHMAM, Ivete. *Quem foi Pedro?* Disponível em: www.abiblia.org. Acesso em: 19 mar. 2015.

HORSLEY, Richard A.; HANSON, John S. *Movimentos populares no tempo de Jesus: Bandidos, Profetas e Messias*. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. *Arqueologia, história e sociedade na Galileia: o contexto social de Jesus e dos Rabis*. São Paulo: Paulus, 2000.

JOSEPHUS, Flavius. *The new complete works of Josephus*. Translated by William Whiston. Commentary by Paul L. Maier. Grand Rapids, MI: Kregel Publications, 1999.

_____. *The essential writings*. A new translation by Paul L. Maier. Grand Rapids, MI: Kregel Publications, 1988.

KEENER. Craig S. *Comentário Bíblico Atos: Novo Testamento*. Belo Horizonte, 2004.

KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento: Atos*. Vol. 1. São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 2006.

_____. *Comentário do Novo Testamento: Tiago e Epístolas de João*. São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 2006.

KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. 17ª ed. São Paulo: Paulus, 1982.

LACOSTE, Jean-Yves (Coord.). *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas; São Paulo: Loyola, 1998.

LACY, J. M. Abrego de. *Introdução ao Estudo da Bíblia. Os Livros Proféticos*. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2006.

LASOR, William; HUBBARD, David A.; BUSH, Frederic W. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

LOHSE, Eduard. *Contexto e Ambiente do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2000.

LUZ, Waldyr Carvalho. *Novo Testamento interlinear*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

MALINA, Bruce. *O Evangelho social de Jesus. O Reino de Deus em perspectiva messiânica*. São Paulo: Paulus, 2004.

MARGUERAT, Daniel. *A primeira história do cristianismo. Os atos dos apóstolos*. São Paulo: Paulus; São Paulo: Loyola, 2003.

MAUERHOFER, Erich. Gysel, David. *Uma introdução aos escritos do Novo Testamento*. São Paulo: Vida, 2010.

MCLERRAN, Dan. *Ancient Mesopotamian city in need of rescue*. 2011. Disponível em: <http://popular-archaeology.com/issue/september-2011/article/ancient-mesopotamian-city-in-need-of-rescue>. Acesso em: 15 jan. 2015.

MESTERS, Carlos. *A missão do povo que sofre*. Vozes, Petrópolis. CEBIM, Angra dos Reis, 1981.

MONASTERIO, Rafael Aguirre; CARMONA, Antonio Rodriguez. *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Ave Maria, 2000.

MORETTI, Fernando. *Os essênios e os manuscritos do Mar Morto: a seita judaica onde Jesus estudou*. 2. ed. São Paulo: Escala, (s.d.).

NESTLE-ALAND, *Novum Testamentum Graece*. 27. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2001.

NICKELSBURG, George W.E. *Literatura judaica, entre a Bíblia e a Mishná*. São Paulo: Paulus, 2011.

NOLAN, Albert. *Jesus antes do Cristianismo*. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

PRINCIPALMENTE a obra de Paulo. As Três viagens Missionárias e a viagem para Roma. Disponível em: <www.estudosdabiblia.net/idecontar5>. Acesso em: 01 abr. 2015.

QUESNEL, Michel. *Paulo e as origens do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2008.

REICKE, Bo. *História do tempo do Novo Testamento: o mundo bíblico de 500 A.C. até 100 D.C.* Santo André: Academia Cristã, 2015.

RICHARD, Pablo. *O movimento de Jesus depois da ressurreição*. Uma interpretação libertadora dos Atos dos Apóstolos. São Paulo: Paulinas, 1999.

SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1994.

SICRE, José Luís. *Profetismo em Israel*. O profeta. Os profetas. A mensagem. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

STEGEMANN, Ekkehard W. STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo*. Os primórdios no Judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo. São Leopoldo: Paulus/Sinodal, 2004.

STEGEMANN, Wolfgang. *Jesus e seu tempo*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012.

STERN, David H. *Comentário judaico do Novo Testamento*. Belo Horizonte: Atos, 2007.

TAYLOR, Justin. *As origens do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2010.

THEISSEN, Gerd. *O Novo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. *A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2009.

TOGNINI, Enéas. *O Período interbíblico: 400 anos de silêncio profético*. São Paulo: Hagnos, 2009.

VERMES, Geza. *Jesus e o mundo do judaísmo*. São Paulo: Loyola, 1996.

VOIGT, Emílio. *Contexto e surgimento do movimento de Jesus: as razões do seguimento*. São Paulo: Loyola, 2014.